

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

TATIANA ANDRADE RABELLO CARVALHO PACHECO

***LAS HORTENSIAS* DE FELISBERTO HERNÁNDEZ:
UMA TRADUÇÃO**

**CAMPINAS
2010**

TATIANA ANDRADE RABELLO CARVALHO PACHECO

***LAS HORTENSIAS* DE FELISBERTO HERNÁNDEZ:
UMA TRADUÇÃO**

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas como
requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciado em Letras – Português.

Orientador: Profa. Dra. Miriam Gárate

CAMPINAS
2010

RESUMO

O presente trabalho refere-se a uma monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de Letras. O objetivo principal do mesmo foi realizar uma tradução ao português do texto intitulado *Las Hortensias*, do escritor uruguaio Felisberto Hernández (1902-1964). Para tanto inicialmente é apresentada uma breve biografia do autor, bem como suas publicações e as principais características de sua obra. A seguir são discutidos os critérios que nortearam a tradução e por fim é apresentado o texto traduzido.

Palavras-chave: *Las Hortensias*; Felisberto Hernández; tradução.

ABSTRACT

This work concerns a monograph presented like requirement to the end of the Language and Literature's course. The primary target was to make a translation to Portuguese of the text named *Las Hortensias*, of the Uruguayan writer Felisberto Hernández (1902-1964). Initially a brief biography of this author is presented, as well his publications and the main characteristics of his builds. After are discussed the criterions that guided the translation and finally the translated text is presented.

Palavras-chave: *Las Hortensias*; Felisberto Hernández; translation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. O AUTOR E SUA OBRA	2
3. ASPECTOS DA TRADUÇÃO	8
4. TRADUÇÃO	12
5. REFERÊNCIAS	53

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa iniciada em 2006, momento em que retornava de um intercâmbio realizado na Universidade de Zaragoza onde havia cursado duas disciplinas de literatura hispano-americana do século XX. Devido ao meu crescente interesse pelos autores apresentados nesta disciplina, em especial Julio Cortázar e Roberto Arlt, decidi procurar a Profa. Dra. Miriam Gárate a fim de desenvolver um projeto de Iniciação Científica. Ela me sugeriu que lesse Felisberto Hernández, um autor pouco conhecido no Brasil e que poderia despertar algum interesse.

Desta maneira, li as *Obras Completas*¹ do autor e à medida que ia adentrando seu universo me deparava com algo diferente e até estranho, mas que me agradava. Talvez essa sensação de estranheza se deva ao fato de que Felisberto, como apontado por muitos críticos, seja um autor inclassificável, ou seja, não se vincula a nenhuma das vanguardas latino-americanas de sua época, ou ainda, como nas palavras de Calvino (1974):

“Felisberto Hernández es un escritor que no se parece a ninguno: a ninguno de los europeos y a ninguno de los latino-americanos, es un “irregular” que escapa a toda clasificación y encasillamiento pero se presenta como inconfundible con sólo abrir la página.”

Assim, resolvi que faria a tradução de um dos textos do autor, o que permitiria ampliar meu conhecimento sobre seu estilo. Para isto, selecionei alguns relatos que me despertaram maior interesse, porém, nesta mesma época foram publicados nove contos do autor traduzidos por Arriguicci Jr.², fazendo com que eu optasse por um texto inédito em português: *Las Hortensias*.

Início este trabalho apresentando alguns aspectos biográficos do autor, bem como suas publicações e algumas características recorrentes em seus textos.

A seguir, destaco algumas características estilísticas de Felisberto a fim de elucidar as escolhas realizadas durante o processo tradutório, e por fim, apresento a tradução do texto selecionado.

¹ Refiro-me às *Obras completas* organizadas por José Pedro Díaz e publicadas em 1981.

² Publicados com o título de *O cavalo perdido e outras histórias* em 2006.

2. O AUTOR E SUA OBRA

Felisberto Hernández (1902-1964) nasceu em Montevideu, no seio de uma família humilde, tendo residido nos bairros periféricos da cidade. Em 1911 iniciou seus estudos de piano com Cecília Moulié, e já em 1917 começou a dar aulas particulares de piano. Teve uma modesta carreira de pianista, tocando em cafês, às vezes acompanhando a projeção de filmes mudos e, mais frequentemente, fazendo turnês por cidades do Uruguai e da Argentina. Sua formação musical e a profissão de pianista se farão presentes em diversos textos como, por exemplo: *El caballo perdido*, que faz alusão à sua primeira professora de piano; *Por los tiempos de Clemente Colling*, figura central do relato e com quem estudou harmonia e composição; “Mi primer concierto”, que relata a primeira apresentação de um pianista em um teatro; “El comedor oscuro”, onde um pianista é convocado a tocar semanalmente na casa de uma viúva rica; *Tierras de la memoria*, tendo como protagonista um jovem pianista que viaja de trem a Mendoza; “En gira com Yamandú Rodrigues”, escritor com quem faz uma turnê em pequenas cidades do Rio da Prata.

Há ainda outros relatos em que aparece a figura do pianista ora como protagonista, ora como personagem secundário. É importante ressaltar que a música e os ruídos estão presentes em toda a obra de Felisberto, muitas vezes como figuras centrais da narrativa.

A profissão de pianista estava em primeiro plano quando o autor publicou, entre os anos de 1925 e 1931, seus primeiros livros de contos: *Fulano de tal* (1925), *Libro sin tapas* (1929), *La cara de Ana* (1930) e *La envenenada* (1931). Estes são considerados por Díaz (1982) como quatro breves folhetos, pelo tamanho e pequeno número de páginas (entre 36 e 46), além de não possuírem capa. Segundo Yunez (2000), embora estes textos da primeira etapa de sua produção sejam considerados por alguns críticos como “fragmentos” ou “esboços”, estes já apresentam seu estilo e temática particulares como a preocupação pela relação entre o ser e o mundo, sua tendência em transformar a realidade cotidiana e seu interesse pelo ato de escrever.

É importante ressaltar ainda que nestes primeiros relatos, segundo Echavarren (1981), se faz presente a premissa defendida por Vaz Ferreira³ segundo a qual o texto deve incorporar na

³ Carlos Vaz Ferreira (1872-1958) ocupou em 1897 a cátedra de Filosofia de Educação Secundária, na época vinculada à Universidad de la República e em 1913 tornou-se Mestre de Conferências da mesma Universidade. Foi

sua versão definitiva o horizonte de incertezas do autor, de modo que “la escritura es concebida como un gesto productivo más que como producto acabado” (p.11). Este processo pode ser estendido para obras posteriores de Felisberto, o qual permite concluir que o contato com Vaz Ferreira no início de sua formação cultural teve grande influência em seus trabalhos literários. Além disso, embora não fosse um leitor assíduo, as leituras filosóficas ocuparam destaque durante toda a sua vida.

Em relação às suas amizades, duas se destacam: o médico Alfredo Cáceres, com quem teve aulas de psicologia e que visitava com frequência nos hospitais psiquiátricos Vilardebó e Pereira Rossel; e o pintor construtivista Joaquín Torres García. Estes em companhia de outros amigos do autor financiaram a primeira edição de *Por los tiempos de Clemente Colling* (1942).

Após a publicação do último dos “folhetos”, há um hiato de dez anos até o aparecimento de *Por los tiempos de Clemente Colling*, ao que se seguiu *El caballo perdido* (1943) e *Tierras de la memoria* (escrito em 1944 e publicado postumamente em 1965). Estes são os relatos mais extensos do autor e que caracterizam a segunda etapa de sua carreira, denominada memorialista, e considerada por alguns críticos como uma trilogia sobre a infância e a juventude do narrador.

Nestes textos, o autor relembra sua formação como pianista, porém a narrativa se desenvolve de maneira bastante subjetiva. Segundo Yunez (2000), o autor não apenas recupera as pessoas que o influenciaram, como também os sentimentos do jovem pianista em relação a elas. E completa: “La contigüidad del punto de vista del joven y el punto de vista del narrador adulto es una de las marcas distintivas de la inventiva felisbertiana. Mediante este recurso, Felisberto, como Proust, ilustra el poder transformador del tiempo” (p.xiii-xiv).

Assim, as recordações são o ponto de partida para o desenvolvimento de uma literatura própria que surgiu, segundo Díaz (1981), “de la visión parcializada y fragmentada que le ofrecía la evocación de su mirada infantil y de su familiaridad con los procesos mismos del recuerdo, en cuyo análisis se demoraba a medida que los dejaba fluir.” (p.8).

Além disso, Piwonka (1997) assinala que uma parte da crítica, com destaque para Roberto Echavarren e Jorge Panesi, menciona o fato de que o memorialismo felisbertiano não se

crítico da filosofia de seu tempo, em especial de autores como Herbert Spencer, William James, Bérson. Apresenta uma extensa obra na qual escreveu sobre metafísica, lógica, epistemologia, pedagogia, entre outros temas.

restringe apenas à evocação de situações e sensações do passado. Assim, para Echavarren, as recordações seriam um instrumento para apreender o processo de recordar e os modos de evocação, sendo que o segundo capturaria o presente enquanto que o primeiro apontaria as características que induzem o sujeito a investigar o passado. Já para Panesi, o memorialismo se converte em um “espetáculo interior”, onde há uma revisão dos mecanismos envolvidos no ato de recordar com a introdução de leis que fazem com que os acontecimentos passados se atualizem, renovando-se.⁴

Vale ressaltar ainda, que nestes relatos aparece o tema do duplo, recorrente na obra de Felisberto. Este se dá, por exemplo, em *El caballo perdido*, primeiramente pelo próprio ato de recordar, de um aprofundamento da consciência que se separa do sujeito e, em última instância, origina o “sócio” havendo uma separação entre o olhar da criança do passado e do narrador adulto do presente, como na seguinte passagem:

“He tenido que hacer guardia alrededor de mi mismo para que él, mi socio, no entre en el instante de los recuerdos. Ya he dicho que quiero ser yo solo. [...] Y todavía tengo que prestarle mis propios ojos, mis ojos de ahora. Mis ojos ahora son insistentes, crueles, exigen un gran esfuerzo a los ojos de aquel niño que debe estar cansado y ya debe ser viejo.” (p.27-28).

Segundo Díaz (1982), a motivação para escrever *Por los tiempos de Clemente Colling* se deu, provavelmente, pela insistência de amigos para que colocasse por escrito o tema de suas histórias relatadas oralmente. E completa: “Porque Felisberto era un narrador oral de notable eficacia; recuerdo haberle oído contar algunos episodios que más tarde leí en *Por los tiempos de Clemente Colling*, que él narraba en rueda de amigos motivando una risa incontenible.” (p.12). A partir dessa observação, podemos aludir a uma característica recorrente em sua escrita: a condição oral de suas narrativas.⁵

Em 1945, publicou no suplemento literário *La nación* de Buenos Aires, o conto “El balcón”. Este, ao relatar a paixão entre um balcão e uma jovem tendo como consequência o suicídio do primeiro, leva ao extremo outra característica marcante nas obras do autor: a animização dos objetos. A transferência de características animadas a objetos inanimados se dá, principalmente, através da adjetivação e da utilização de verbos estranhos à natureza dos mesmos. Como exemplo, apresento o seguinte trecho extraído do conto em questão: “A

⁴ Uma discussão mais detalhada do memorialismo em Felisberto Hernández pode ser encontrada em Piwonka, C. A. (1997), *Felisberto Hernández y la escritura autobiográfica: el sorprendente caso de Las Hortensias*, p.19-44.

⁵ Este aspecto será discutido mais detalhadamente quando tratarmos dos aspectos da tradução.

medida que se iba la luz, ellos [los objetos] se acurrucaban en la sombra como si tuvieran plumas y se prepararan para dormir.” (p.50).

Em contrapartida, muitas das personagens apresentam certas características que vão se intensificando no decorrer do relato até sua transformação, em última instância, em objetos. As personagens de *Las Hortensias* são exemplos deste intercâmbio entre humanos, animais e objetos. Durante todo o relato o autor compara as personagens a animais ou objetos (como pode ser observado nos trechos exemplificados a seguir) para, em última instância, finalizá-lo com a loucura de Horácio e seu destino de boneco.

“Te desconozco, sobrina; ese hombre te ha dejado idiota y te maneja como a una de sus muñecas.” (p.168).

“Su mujer le acarició de nuevo la nariz con el índice; después lo hundió en la mejilla de él, hasta que el dedo se dobló como una pata de mosca...” (p.138).

Alguns críticos apontam que com a publicação de “El balcón”, inicia-se uma terceira etapa de sua obra na qual o elemento fantástico torna-se presente na maioria de suas histórias. Assim, há um decréscimo do elemento autobiográfico e um aumento de elementos fictícios, com a introdução, ao mesmo tempo, de acontecimentos insólitos ou misteriosos. Estes elementos estão presentes, por exemplo, em textos como “El acomodador”, onde os olhos do protagonista possuem luz própria; em “Menos Julia”, com seu estranho túnel e a misteriosa relação do amigo com os objetos e as moças que se expõem neste túnel; em “El cocodrilo”, com o choro inusitado do protagonista; em *La casa inundada*, com a vida em uma casa inundada pela própria proprietária; e em *Las Hortensias*, com a presença de bonecas em tamanho natural demasiado humanizadas.⁶

É também nesta época, que se estreitam os laços de amizade entre Felisberto e Supervielle, a quem havia conhecido durante sua estância em Montevideu nos anos da Segunda Guerra Mundial. Embora Felisberto consultasse Supervielle a respeito dos relatos que estava escrevendo, Echavarren (1981) acredita ser pouco provável que o escritor uruguaio haja sofrido uma influência decisiva no deslizamento dos relatos “memorialistas” para os “fantásticos”, uma vez que alguns textos anteriores como “La envenenada”, por exemplo, podem ser considerados expoentes deste modelo.

⁶ Um estudo sobre o fantástico na obra do autor pode ser encontrado em D’Argenio, M. C. (2006), “El estatuto de lo fantástico en Felisberto Hernández”.

Em 1946, através de Supervielle, conseguiu uma bolsa do governo francês para estudar em Paris, onde permaneceu até 1948. Durante sua estância na cidade, travou amizade com a escritora uruguaia Susana Soca, que dirigia uma revista literária denominada *La Licorne*, onde seria publicado o conto “El balcón”, traduzido ao francês por Ivette Bilod, esposa de Roger Caillois, responsável também pela tradução de “El acomodador”, publicado na revista *Points*.

Pela Editorial Sudamericana foi publicado, em 1947, *Nadie encendía las lámparas*, e em 1949, *Las Hortensias*, na revista *Escritura*. Após esse período de atividade literária profícua, que corresponde à segunda metade da década de 1940 e com seu retorno ao Uruguai, sua produção torna-se escassa. Isso se deu, provavelmente, devido à necessidade de se lançar a pequenos empregos para garantir sua sobrevivência, aliada à falta de reconhecimento público. Assim, poucos contos saíam em revistas até 1960, data de sua última publicação em vida: *La casa inundada*, pela Editorial Alfa. Felisberto morreu em janeiro de 1964, cerca de seis meses depois de receber o diagnóstico de leucemia.

Felisberto Hernández não alcançou em vida o reconhecimento da crítica. Isto talvez se deva à peculiaridade de sua narrativa e à dificuldade em classificar sua obra, aliada à sua profissão de pianista que fez com que não houvesse uma regularidade na produção de textos literários.

Aliado a isso, temos a escassa difusão de sua obra resultando em um grupo restrito de leitores formado principalmente por amigos do escritor, e que muitas vezes foram responsáveis pela publicação de seus textos. Como mencionado anteriormente, com o apoio de Jules Supervielle e Susana Soca publica alguns de seus textos em Paris, ao mesmo tempo em que Roger Callois edita em Buenos Aires *Nadie encendía las lámparas* pela editora Sudamericana. Este fato o torna conhecido de jovens escritores como Julio Cortázar, Gabriel García Márquez e Álvaro Cepeda Samudio.

Porém é apenas após o *boom* da narrativa fantástica latino-americana que cresce o interesse por sua obra. Assim, em 1967, por iniciativa de Angel Rama e colaboração de Norah Giraldi e José Pedro Díaz, suas *Obras Completas* são publicadas pela editora Arca. Neste momento sua obra é resgatada definitivamente e recebe elogios de importantes escritores e críticos como Carlos Fuentes, Juan Calos Onetti, além de Julio Cortázar e Ítalo

Calvino, que expressam sua admiração pelo escritor nos prólogos de *La casa inundada y otros cuentos* (1975) *Nessuno accendeva le lampade* (1974), respectivamente.

3. ASPECTOS DA TRADUÇÃO

Para iniciar este tópico tecerei algumas considerações teóricas sobre tradução que julgo relevantes para a compreensão do processo tradutório.

Primeiramente, compartilho da idéia já aceita por muitos teóricos e destacada por Venuti (1995) de que a tradução seja “uma produção ativa de um texto que se assemelha ao texto original, mas que mesmo assim o transforma” (p.112-113). Essa transformação ocorre uma vez que estamos trabalhando com duas cadeias de significantes, onde o tradutor deve, a partir da decodificação de uma mensagem dada pelo autor na língua-fonte, codificá-la na língua-meta.

Esse processo de decodificação/codificação envolve atos de interpretação do tradutor e a necessidade de realizar escolhas entre um determinado número de alternativas que se apresentam. Além disso, Venuti (1995) ressalta o fato de que o contexto cultural do tradutor influencia na produção da tradução. Assim, considerando a inexistência de uma equivalência lingüística e os atos interpretativos do tradutor aliados ao contexto cultural em que está inserido, podemos concluir que entre o texto original e o texto traduzido sempre haverá uma discrepância, sendo o segundo uma aproximação do primeiro.

A partir das considerações mencionadas acima, acredito na necessidade de discorrer sobre os aspectos que nortearam o processo de tradução do texto intitulado *Las Hortensias*, do autor uruguaio Felisberto Hernández. Para tanto, apresentarei a seguir algumas características estilísticas do escritor que julgo importantes na tomada de decisões que originou o texto em português.

Uma das características de Felisberto Hernández consiste na condição oral de suas narrativas. O próprio autor alude a esse fato em um de seus contos intitulado “He decidido leer un cuento mío”:

“Y lo diré de una vez: mis cuentos fueron hechos para ser leídos por mí, como quien le cuenta a alguien algo raro que recién descubre, con lenguaje sencillo de improvisación y hasta con mi natural lenguaje lleno de repeticiones e imperfecciones que me son propias.” (p.214).

Assim, essa oralidade está vinculada à linguagem coloquial utilizada por Felisberto em seus relatos, e que permite a presença de incorreções gramaticais e da constante repetição de palavras. Díaz (1982) faz alusão a esse aspecto ao considerar a importância que Felisberto dava à

matéria de seus contos, esta entendida como a condição oral dos relatos, e que caracterizaria sua arte.

Desta maneira, ao trabalhar a tradução de *Las Hortensias*, procurei manter algumas características estruturais consideradas importantes para o aspecto coloquial da narrativa. Esse aspecto também foi responsável por algumas escolhas realizadas durante a presente tradução, e que serão apresentadas a seguir.

O primeiro aspecto a ser destacado é a pontuação utilizada pelo autor. Percebemos o uso excessivo de vírgulas e ponto-e-vírgulas, muitas vezes desnecessários ou até mesmo inapropriados como, por exemplo, a utilização de vírgula entre o sujeito e o predicado, mas que são recorrentes e conferem um determinado ritmo ao relato:

“Cuando Horacio fue a presentar a Hortensia sonó en el gran patio, una campanilla de colegio y los convidados fueran hacia allí con sus copas.” (p.152).

“Al volver a su casa se reconcilió con María; pero en un instante en que se quedó solo, en el salón de las vitrinas, pensó que podía alquilar una de las casitas del parque y llevar una Hortensia.” (p.175).

Outro aspecto seria a presença constante de conectores ociosos, principalmente “y” no início das frases, e que alude à oralidade, como no exemplo a seguir:

“...después Hortensia, cayendo en sus brazos, cuando él abrió la puerta, y como si dijera: “Abrázame porque María morirá”. Y era su propia mujer la que había preparado el aviso; y tan inocente como si mostrara una enfermedad que todavía ella misma no había descubierto.” (p.143).

Há ainda mais dois aspectos que merecem destaque por sua recorrência no texto, bem como pelo caráter coloquial que conferem à linguagem: a inversão da ordem dos elementos na frase e as constantes repetições de palavras. A inversão se dá em relação ao sujeito e ao predicado como no seguinte exemplo: “Cuando ellas abandonaron el dormitorio, entró Maria.” (p.159).

Já as repetições são freqüentes, principalmente, no que se refere aos nomes próprios e às palavras que designam as personagens, como esposa ou mulher para se referir à Maria, por exemplo.

“Maria podía ser, como antes, una mujer sin muñeca; pero ahora él no podía admitir la idea de María sin Hortensia; aquella resignación de toda la casa y de María ante el vacío de la muñeca, tenía algo de locura. Además, María iba de un lado para otro del dormitorio y parecía que en esos momentos no pensaba en Hortensia; y en la cara de María se veía la inocencia de un loco que se ha olvidado de vestirse y anda desnudo.” (p.148).

Embora esses aspectos possam, num primeiro momento, dar a impressão de um texto inacabado ou pouco trabalhado, Echavarren (1981) assinala a insistência de Felisberto na

reescritura e que, a seu ver, “tuvo el propósito no tanto de “limar” o perfeccionar la obra, sino de mejor desplegar la ley de su formación.” (p.17). No prólogo às *Obras completas*, Díaz (1981) também menciona esse trabalho de elaboração e reelaboração dos contos, que tornou Felisberto um escritor lento e exigente.

Um fator mencionado por Rama (1982) reforça o argumento do trabalho realizado por Felisberto na tentativa de se aproximar da linguagem popular: a construção dos diálogos no texto. Como assinala o autor:

“Incluso en un cuento como *Las Hortensias* que se sitúa en una casa de la alta burguesía, los diálogos de Horacio y Facundo, así como la participación de los criados y los intercambios de María y Pradera, se hallan tenidos de frecuentes notas cursis o burlonas o de groserías de las que ya se han incorporado al habla corriente de la gente vulgar.” (p.252).

Para exemplificar, destaco uma fala de Facundo e outra de uma das gêmeas empregadas de Maria:

“- ¡Hermano, parecías un juguete de cuerda que se da vuelta patas arriba y sigue andando!” (p.152).
“Una de ellas vio por el espejo el cuerpo mutilado de Hortensia y dijo: “Qué tipo sinvergüenza”.” (p.160).

Há ainda outra passagem, em um diálogo de Horácio com o guarda florestal que merece destaque, uma vez que Felisberto procura reproduzir o sotaque da personagem:

“- Tiene que darle dos vueltas... La muñeca está en el piso de arriba... Sería conveniente que dejara las cosa *esatamente* como las encontró.” (p.171).

É importante ressaltar que Felisberto em uma carta a Paulina Medeiros, citada por Alazraki (1982), manifesta seu entusiasmo pela linguagem da autora dizendo: “todas las palabras son sencillísimas, simpáticas, redondeadas de honradez de expresión, sin preocupación por utilizar todas u otras palabras del idioma que no usamos acá” (p.53). Essa preocupação com a linguagem, ou seja, com a escolha das palavras que são próximas do autor e que fazem parte do vocabulário cotidiano pode explicar a repetição acima mencionada, uma vez que restringiria a gama de vocábulos a serem utilizados. Além disso, Alazraki (1982) assinala que a simplicidade de sua linguagem foi uma escolha do autor e não uma carência como alguns críticos consideraram.

Desta maneira, considerando as características aludidas anteriormente como integrantes do estilo do autor, decidi manter, sempre que possível, ou seja, quando estes não prejudicavam a

compreensão do texto, a pontuação original, os conectores, a inversão da ordem dos elementos na frase e as repetições.

Para tornar o texto traduzido mais próximo da linguagem coloquial, além das escolhas acima mencionadas, optei também pelo predomínio da próclise como colocação pronominal. Vale assinalar ainda, que em períodos compostos, utilizei como verbo auxiliar o *ter*, comumente usado no português brasileiro em substituição ao *haver*. Procurei manter também o tempo verbal predominante na narrativa, ou seja, o imperfeito, por ser uma característica importante nos textos de Felisberto, conferindo um caráter onírico aos relatos, e que segundo D'Argenio (2006), por ser o tempo da indefinição e da continuidade, outorgaria ao relato um caráter inconcluso e contribuiria para ressaltar a irrealidade das coisas. Além disso, evitei o uso do pretérito mais-que-perfeito, por conferir ao texto um estilo por demais erudito.

Uma última observação em relação à tradução consiste na utilização de Notas do Tradutor (N.T.) para explicitar a opção por manter algumas palavras no original, seja por aludir a algum aspecto cultural, ou por se tratar de uma característica fonética como, por exemplo, *manolas* e *esatamente*; ou ainda, para elucidar escolhas de tradução, principalmente de vocábulos pouco ou não mais utilizados atualmente, como *água forte*.

4. TRADUÇÃO

As Hortências

A María Luisa

Ao lado de um jardim havia uma fábrica e os ruídos das máquinas se metiam entre as plantas e as árvores. E no fundo do jardim via-se uma casa de pátina escura. O dono da “casa negra” era um homem alto. Ao anoitecer seus passos lentos vinham da rua, e quando entrava no jardim, apesar do ruído das máquinas, parecia que os passos mastigavam a brita. Numa noite de outono, ao abrir a porta e entrecerrar os olhos para evitar a forte luz do hall, viu sua mulher parada no meio da escada; e ao olhar os degraus se esparramando até a metade do pátio, teve a impressão de que sua mulher trajava um longo vestido de mármore e que a mão que segurava o corrimão, recolhia o vestido. Ela percebeu que ele vinha cansado, que subiria até o quarto, e com um sorriso, esperou que seu marido chegasse até ela. Depois se beijaram, ela disse:

- Hoje os rapazes terminaram as cenas...

- Já sei, mas não me diga nada.

Ela o acompanhou até a porta do quarto, lhe acariciou o nariz com um dedo e o deixou sozinho. Ele procuraria dormir um pouco antes do jantar; seu quarto escuro separaria as preocupações do dia dos prazeres que esperava da noite. Ouviu com simpatia, como na infância, o ruído atenuado das máquinas e adormeceu. No sonho viu uma luz que saía do abajur e dava sobre uma mesa. Em volta da mesa havia homens em pé. Um deles vestia fraque e dizia: “É preciso que o fluxo sanguíneo mude de mão; em vez de ir pelas artérias e voltar pelas veias, deve ir pelas veias e voltar pelas artérias”. Todos aplaudiram admirados; então o homem vestido de fraque foi até o quintal, montou num cavalo e ao sair galopando, em meio ao clamor, as ferraduras faiscavam contra as pedras. Quando acordou, o homem da casa negra se lembrou do sonho, reconheceu no fluxo sanguíneo o que nesse mesmo dia tinha ouvido dizer – nesse país o trânsito mudaria de mão – e sorriu. Depois vestiu o fraque, voltou a se lembrar do homem do sonho e foi até a sala de jantar. Aproximou-se de sua mulher e enquanto metia as mãos no cabelo dela, dizia:

- Sempre me esqueço de trazer uma lente para ver como são as plantas que existem no verde destes olhos; mas já sei que você consegue essa cor de pele esfregando azeitonas nela.

Sua mulher lhe acariciou novamente o nariz com o indicador; depois o afundou na bochecha dele, até que o dedo se dobrou como uma pata de mosca e respondeu:

- E eu sempre me esqueço de trazer umas tesouras para cortar suas sobrancelhas! Ela se sentou à mesa e vendo que ele saía da sala, perguntou:

- Esqueceu alguma coisa?

- Quem sabe.

Ele voltou em seguida e ela pensou que não havia tido tempo de telefonar.

- Você não quer me dizer por que saiu?

- Não.

- Eu também não te direi o que os homens fizeram hoje.

Ele já tinha começado a responder:

- Não, minha querida azeitona, não me diga nada até o fim do jantar.

E ele se serviu um vinho que recebia da França; mas as palavras de sua mulher foram como pequenas pedras caídas num reservatório onde viviam suas manias; e não pôde abandonar a idéia do que esperava ver nessa noite. Colecionava bonecas um pouco mais altas do que as mulheres normais. Num grande salão tinha mandado construir três quartos de vidro; no mais amplo ficavam todas as bonecas que esperavam o momento de serem eleitas para participar em cenas que eram compostas nos outros quartos. Essa tarefa estava a cargo de muitas pessoas: em primeiro lugar, autores de legendas (em poucas palavras deviam expressar a situação em que se encontravam as bonecas que apareciam em cada quarto); outros artistas cuidavam do cenário, dos vestidos, da música, etc. Naquela noite seria inaugurada a segunda exposição; ele a observaria enquanto um pianista, de costas para ele e no fundo do salão, executaria as obras programadas. De repente, o dono da casa negra se deu conta de que não devia pensar nisso durante o jantar; então tirou do bolso do fraque um binóculo de teatro e tentou focar o rosto de sua mulher.

- Queria saber se as sombras de suas olheiras são produzidas por vegetações...

Ela compreendeu que seu marido tinha ido até o escritório para buscar o binóculo e decidiu aceitar a brincadeira. Ele viu uma cúpula de vidro e quando percebeu que era uma garrafa, largou o binóculo e serviu outra taça do vinho francês. Sua mulher olhava as borbulhas que ao caírem na taça, salpicavam o cristal com lágrimas negras e corriam para se encontrar com o vinho que ascendia. Nesse momento entrou Alex – um russo branco de barba pontuda -, se

inclinou perante a senhora e lhe serviu feijão⁷ com presunto. Ela dizia que nunca tinha visto um criado com barba; e o senhor respondia que essa tinha sido a única condição exigida por Alex. Nessa hora ela deixou de olhar a taça de vinho e viu a ponta da manga do criado; dali saía um pêlo espesso que se arrastava pela mão e chegava até os dedos. No momento de servir o dono da casa, Alex disse:

- Walter chegou. (Era o pianista).

No final do jantar, Alex colocou as taças numa bandeja; se chocavam umas contra as outras e pareciam contentes em voltarem a se encontrar. O senhor – no qual tinha surgido um silêncio sonolento – sentiu prazer em ouvir os sons das taças e chamou o criado:

- Diga a Walter que se dirija ao piano. Quando eu entrar no salão, ele não deve falar comigo. O piano, está longe das vitrines?

- Sim senhor, está do outro lado do salão.

- Bem, diga a Walter que se sente de costas para mim, que comece a tocar a primeira obra do programa e que a repita sem interrupção até que eu lhe faça o sinal com a luz.

Sua mulher sorria para ele, que foi beijá-la e, por alguns instantes, deixou seu rosto congestionado colado no dela. Depois se dirigiu à salinha que ficava perto do grande salão. Ali começou a beber café e a fumar; não iria ver suas bonecas até se sentir suficientemente isolado. No início prestou atenção nos ruídos das máquinas e no som do piano; tinha a impressão de que vinham misturados com a água, e ele os ouvia como se estivesse usando um escafandro. Finalmente despertou e começou a perceber que alguns ruídos queriam lhe insinuar algo; como se alguém fizesse um chamado especial entre o ronco de muitas pessoas para despertar apenas uma. Mas quando ele prestava atenção nestes ruídos, eles fugiam como ratos assustados. Por um momento ficou intrigado e depois decidiu não se preocupar. Imediatamente estranhou não estar sentado na poltrona; tinha se levantado sem perceber; se lembrou do momento, muito próximo, em que abriu a porta, e em seguida se encontrou com os passos que dava agora: o levavam à primeira vitrine. Ali acendeu a luz da cena e através da cortina verde viu uma boneca jogada numa cama. Abriu a cortina e subiu no tablado – se parecia mais com uma tarimba cercada e com rodas de borracha -; em cima havia uma poltrona e uma mesinha; dali dominava melhor a cena. A boneca estava vestida de noiva e seus olhos abertos estavam pousados no teto. Não se sabia se estava morta ou se sonhava. Tinha os braços abertos; podia ser uma atitude de desespero ou de

⁷ No original *porotos*.

abandono afortunado. Antes de abrir a gaveta da mesinha e de saber qual era a legenda desta noiva, ele queria imaginar alguma coisa. Talvez ela estivesse esperando o noivo que não chegaria nunca; a teria abandonado um instante antes do casamento; ou talvez fosse viúva e estivesse se lembrando do dia em que se casou; também podia ter colocado essa roupa com a ilusão de ser noiva. Então abriu a gaveta e leu: “Um pouco antes de se casar com um homem que não ama, ela se tranca, pensa que essa roupa era para se casar com o homem a quem amou e que já não existe, e se envenena. Morre com os olhos abertos e, ainda ninguém entrou para fechá-los”. Então o dono da casa negra pensou: “Realmente era uma noiva divina”. E logo sentiu prazer ao perceber que ele vivia e ela não. Depois abriu uma porta de vidro e entrou na cena para ver os detalhes. Mas ao mesmo tempo, teve a impressão de ouvir, entre o ruído das máquinas e a música, uma porta sendo fechada com violência; saiu da vitrine e viu, preso à porta que dava para a salinha, um pedaço do vestido de sua mulher; enquanto se dirigia para lá na ponta dos pés, pensou que ela o estivesse espiando; talvez quisesse lhe pregar uma peça; abriu rapidamente e o corpo dela lhe caiu encima; ele o recebeu com os braços abertos, mas lhe pareceu muito leve e, em seguida reconheceu Hortência, a boneca que se parecia com sua esposa; ao mesmo tempo, sua mulher, que estava encolhida atrás de uma poltrona, se levantou e disse:

- Eu também quis preparar uma surpresa para você; mal tive tempo de pôr meu vestido nela.

Ela continuou conversando, mas ele não a ouvia; embora estivesse pálido agradecia à sua mulher a surpresa; não a queria desanimar, pois gostava das peças que ela lhe pregava com Hortência. Entretanto, desta vez tinha sentido um mal-estar. Então colocou Hortência nos braços de sua esposa e disse que não queria fazer um intervalo muito longo. Depois saiu, fechou a porta e seguiu em direção a Walter, mas parou na metade do caminho e abriu a outra porta, que dava para o seu escritório; se trancou, tirou de um móvel um caderno e se preparou para anotar a peça que sua esposa tinha lhe pregado com Hortência e a data correspondente. Antes leu a última nota. Dizia: “21 de Julho. Hoje, Maria (sua mulher se chamava Maria Hortência; mas gostava de ser chamada de Maria: então, quando seu marido mandou fazer essa boneca parecida com ela, decidiram pôr o nome de Hortência – como se pega um objeto abandonado – na boneca) estava debruçada na sacada que dá para o jardim; eu quis surpreendê-la e cobrir seus olhos com as mãos, mas antes de chegar à sacada, vi que era Hortência. Maria tinha me visto ir até a sacada; vinha atrás de mim e soltou uma gargalhada”. Embora apenas ele lesse esse caderno, assinava as notas;

escrevia seu nome, Horácio, com letras grandes e carregadas de tinta. A nota anterior a esta dizia: “18 de Julho: Hoje, abri o guarda-roupa para pegar meu terno e encontrei Hortência: vestia meu fraque que ficava graciosamente grande nela”.

Depois de anotar a última surpresa, Horácio se dirigiu à segunda vitrine; fez sinais para Walter com uma luz para que mudasse a obra do programa e começou a correr o tablado. Durante o intervalo feito por Walter antes de começar a segunda peça, Horácio sentiu mais intensamente a pulsação das máquinas e, quando correu o tablado, teve a impressão de que as rodas faziam o ruído de um trovão distante.

Na segunda vitrine aparecia uma boneca sentada à cabeceira da mesa. Estava com a cabeça levantada e com as mãos ao lado do prato, onde havia muitos talheres enfileirados. Sua atitude e as mãos sobre os talheres faziam pensar que estivesse diante de um teclado. Horácio olhou Walter, o viu inclinado sobre o teclado com a cauda do fraque caída por trás da banquetta e lhe pareceu um bicho de mau agouro. Depois olhou fixamente a boneca e teve a impressão, como em outras vezes, de que ela se movia. Nem sempre estes movimentos se produziam em seguida; nem ele os esperava quando a boneca estava deitada ou morta; mas nesta última se manifestaram muito cedo; ele pensou que isso acontecia por causa da posição, tão incômoda, da boneca; ela se esforçava muito para olhar para cima; fazia movimentos oscilantes, quase imperceptíveis; mas num instante em que ele tirou os olhos de seu rosto para olhar suas mãos, ela abaixou a cabeça de um modo bastante pronunciado; ele, por sua vez, voltou a levantar rapidamente os olhos para o seu rosto; mas a boneca já tinha recuperado sua firmeza. Então ele começou a imaginar sua história. Seu vestido e os objetos que havia na sala de jantar denunciavam um grande luxo, mas os móveis eram toscos e as paredes de pedra. Na parede do fundo havia uma pequena janela e atrás da boneca, uma porta baixa e entreaberta como um falso sorriso. Aquele quarto seria uma prisão num castelo, o piano fazia barulho de tempestade e na janela aparecia, em intervalos, um clarão de relâmpagos; então se lembrou de que há pouco, as rodas do tablado o fizeram pensar num trovão distante; e essa coincidência o inquietou; além disso, antes de entrar no salão, tinha escutado os ruídos que desejavam lhe insinuar algo. Mas voltou à história da boneca: talvez ela, naquele momento, rogasse a Deus esperando uma libertação próxima. Por último, Horácio abriu a gaveta e leu: “Segunda vitrine. Esta mulher espera, para breve, um menino. Agora vive num farol junto ao mar; se afastou do mundo porque criticaram seus amores com um marinheiro. A todo momento ela pensa: “Quero que meu filho seja solitário e só escute o mar””. Horácio pensou:

“Esta boneca encontrou sua verdadeira história”. Então se levantou, abriu a porta de vidro e observou lentamente os objetos; teve a impressão de estar violando algo tão sério como a morte; ele preferia se aproximar da boneca; quis olhá-la de um lugar onde os olhos dela se fixassem nos dele; e um pouco depois se inclinou diante da infeliz e ao beijar sua testa voltou a sentir uma sensação de frescor tão agradável como no rosto de Maria. Apenas tinha separado os lábios de sua testa viu que a boneca se movia; ele ficou paralisado; ela começou a tombar para o lado cada vez mais rápido, e caiu ao lado da cadeira; e junto com ela uma colher e um garfo. O piano continuou fazendo o barulho do mar; e ainda havia luz nas janelas e nas máquinas. Ele não quis levantar a boneca; saiu rapidamente da vitrine, do salão, e da salinha e chegando ao pátio viu Alex:

- Diga a Walter que por hoje chega; e amanhã diga aos rapazes que venham acomodar a boneca da segunda vitrine.

Nesse momento apareceu Maria:

- O que aconteceu?

- Nada, caiu uma boneca, a do farol...

- Como foi? Aconteceu alguma coisa?

- Quando entrei para olhar os objetos devo ter tocado na mesa...

- Ah! Você já está ficando nervoso!

- Não, fiquei muito contente com as cenas. E Hortência? Aquele seu vestido ficava muito bem nela!

- É melhor ir dormir, querido – respondeu Maria.

Mas se sentaram num sofá. Ele abraçou sua mulher e pediu que por um minuto, em silêncio, ela deixasse seu rosto junto ao dele. Assim que juntaram as cabeças, apareceu na dele, a lembrança das bonecas que tinham caído: Hortência e a do farol. E ele já sabia o que isso significava: a morte de Maria; teve medo de que seus pensamentos passassem à cabeça dela e começou a beijar seus ouvidos.

Quando Horácio ficou sozinho de novo, na escuridão de seu quarto, prestou atenção nos ruídos das máquinas e pensou nos presságios. Ele era como um fio emaranhado que interceptasse os avisos de outros destinos e recebesse presságios equivocados; mas desta vez todos os sinais tinham se dirigido a ele: os ruídos das máquinas e os sons do piano tinham escondido outros ruídos que fugiam como ratos; depois Hortência, caindo em seus braços, quando abriu a porta, e

como se dissesse: “Me abrace porque Maria morrerá”. E sua própria mulher tinha preparado o aviso; e tão inocente como se mostrasse uma doença que ela mesma ainda não tinha descoberto. Mais tarde, a boneca morta na primeira vitrine. E antes de chegar à segunda, e sem que os cenógrafos tivessem previsto, o ruído do tablado como um trovão distante, pressagiando o mar e a mulher do farol. Por último ela tinha se desprendido de seus lábios, tinha caído, e assim como Maria, não chegaria a ter nenhum filho. Depois Walter, como um bicho de mau agouro, sacudindo a cauda do fraque e bicando a beirada de sua caixa negra.

II

Maria não estava doente nem havia motivo para pensar que iria morrer. Mas há muito tempo ele tinha medo de ficar sem ela e a todo instante imaginava como seria seu infortúnio quando isso acontecesse. Foi quando teve a idéia de mandar fazer a boneca igual à Maria. No início a idéia parecia ter fracassado. Ele sentia por Hortência a antipatia que podia provocar um substituto. A pele era de cabrito; trataram de imitar a cor de Maria e de perfumá-la com seus perfumes habituais; mas quando Maria pedia a Horácio para dar um beijo em Hortência, ele se dispunha a fazê-lo pensando que sentiria um gosto de couro e que beijaria um sapato. Mas em pouco tempo começou a perceber algo inesperado nas relações de Maria com Hortência. Uma manhã ele percebeu que Maria cantava enquanto vestia Hortência; e parecia uma criança entretida com uma boneca. Numa outra vez, chegou em casa ao anoitecer e encontrou Maria e Hortência sentadas à mesa com um livro; era como se Maria estivesse ensinando uma irmã a ler. Então ele tinha dito:

- Deve ser um consolo poder confiar um segredo a uma mulher tão silenciosa!

- O que você quer dizer? - perguntou Maria. E em seguida se levantou da mesa e saiu irritada; mas Hortência tinha ficado sozinha, com os olhos no livro como uma amiga que guarda uma discrição educada. Naquela mesma noite, depois do jantar e para que Horácio não se aproximasse, Maria tinha se sentado no sofá onde estavam acostumados a ficar juntos e colocado Hortência a seu lado. Então Horácio olhou a rosto da boneca que voltou a lhe parecer antipático; ela tinha uma expressão de altivez fria e parecia se vingar de tudo que ele tinha pensado sobre sua pele. Depois Horácio tinha ido até o salão. Primeiramente passou diante de suas vitrines; logo abriu a grande tampa do piano, tirou a banquetta, colocou uma cadeira – para poder se encostar –

e começou a fazer com que os dedos andassem sobre o pátio fresco de teclas pretas e brancas. Era difícil combinar os sons e parecia um bêbado que não consegue coordenar as sílabas. Mas enquanto isso, ia se lembrando das muitas coisas que sabia sobre as bonecas. Aos poucos as foi conhecendo, quase sem querer; até pouco tempo atrás, Horácio tinha conservado a loja que o tinha enriquecido. Todos os dias, depois que os empregados iam embora, ele gostava de passear sozinho na penumbra das salas e ver as bonecas nas vitrines iluminadas. Via os vestidos mais uma vez, e deslizava, sem querer, algum olhar pelos rostos. Ele observava suas vitrines de um dos lados, como um diretor que olha seus atores enquanto eles representam uma comédia. Depois começou a encontrar, no rosto das bonecas, expressões parecidas com as de suas empregadas: algumas inspiravam a mesma desconfiança; e outras, a segurança de que estavam contra ele; tinha uma, de nariz arrebitado, que parecia dizer: “O que é que eu tenho com isso?”. Outra, que ele olhava com admiração, tinha o rosto enigmático: assim como lhe caía bem um vestido de verão ou de inverno, também se podia atribuir a ela qualquer pensamento; e ela parecia, ao mesmo tempo, tanto aceitá-lo como rejeitá-lo. De qualquer maneira, as bonecas tinham seus segredos; mesmo que o vitrinista soubesse como acomodá-las e como tirar partido das condições de cada uma, elas, no último instante, sempre acrescentavam algo por sua conta. Foi quando Horácio começou a achar que as bonecas carregavam muitos presságios. Elas recebiam dia e noite, muitos olhares de cobiça; e esses olhares pareciam ninhos e ficavam incubados no ar; às vezes pousavam nos rostos das bonecas como nuvens que se detém nas paisagens, e com a mudança da luz confundiam suas expressões; outras vezes os presságios voavam até os rostos de mulheres inocentes e as contagiavam com aquela primeira cobiça; então as bonecas pareciam seres hipnotizados cumprindo missões desconhecidas ou desígnios maldosos. Na noite de seu aborrecimento com Maria, Horácio chegou à conclusão de que Hortência era uma dessas bonecas sobre a qual se podia pensar qualquer coisa; ela também podia transmitir presságios ou receber avisos de outras bonecas. Era desde que Hortência vivia em sua casa que Maria estava mais ciumenta; quando ele era condescendente com alguma empregada era no rosto de Hortência que encontrava o conhecimento dos feitos e a reprovação; e foi nessa mesma época que Maria o perturbou até conseguir que ele abandonasse a loja. Mas as coisas não terminaram aí: Maria sofria tais ataques de ciúmes depois das reuniões em que ele a acompanhava, que o obrigaram a abandonar, também, o costume de fazer visitas com ela.

Na manhã seguinte ao aborrecimento, Horácio se reconciliou com as duas. Os maus pensamentos vinham com a noite e se iam com a manhã. Como de costume, os três passearam pelo jardim. Horácio e Maria levavam Hortência abraçada; e ela, com um vestido longo, - para que não soubessem que era uma mulher sem passos – parecia uma doente querida. (Entretanto, as pessoas da vizinhança tinham criado uma lenda na qual acusavam o casal de ter deixado morrer uma irmã de Maria para ficar com seu dinheiro; então tinham decidido expiar sua falta fazendo viver com eles uma boneca que, sendo igual à defunta, lhes lembrasse a todo instante o delito).

Depois de uma temporada de felicidade, na qual Maria preparava surpresas com Hortência e Horácio se apressava em anotá-las no caderno, chegou a noite da segunda exposição e o pressentimento da morte de Maria. Horácio resolveu comprar para sua mulher muitos vestidos de um tecido resistente⁸ – essas lembranças deveriam durar muito tempo – e pedia a ela que os provasse em Hortência. Maria estava muito contente e Horácio fingia estar, quando resolveu dar um jantar – a idéia partiu, dissimuladamente, de Horácio – para seus amigos mais íntimos. Era uma noite de tempestade, mas os convidados se sentaram à mesa muito alegres; Horácio imaginava que esse jantar deixaria muitas lembranças e procurava provocar situações estranhas. Primeiro fazia com que a faca e garfo girassem em suas mãos – imitava um cowboy com seus revólveres – e ameaçou uma moça que estava a seu lado; ela, aceitando a brincadeira levantou os braços; Horácio viu suas axilas depiladas e lhe fez cócegas com a faca. Maria não resistiu e disse:

- Está se comportando como um menininho mal educado, Horácio!

Ele pediu desculpas a todos e logo a alegria voltou. Mas durante a sobremesa e enquanto Horácio se servia o vinho francês, Maria olhou para o lugar onde se alastrava uma mancha preta – Horácio despejava o vinho fora da taça – e levando a mão ao pescoço tentou se levantar da mesa e desmaiou. Levaram-na para o quarto e quando melhorou contou que já há alguns dias não se sentia bem. Horácio mandou buscar o médico imediatamente. Este disse que sua mulher deveria cuidar dos nervos, mas não era nada grave. Maria se levantou e se despediu de seus convidados como se nada tivesse acontecido. Mas quando ficaram sozinhos, disse ao marido:

- Não poderei agüentar esta vida; debaixo do meu nariz você fez o que quis com essa moça...

- Mas Maria...

⁸ No original *tela fuerte*.

- E não apenas derramou o vinho por olhá-la. O que terá feito no pátio para que ela te dissesse: “Horácio, não!”⁹

Mas querida, ela me disse: “Que horas são?”

Naquela mesma noite se reconciliaram e ela dormiu com o rosto junto ao dele. Depois ele separou sua cabeça para pensar na doença dela. Mas na manhã seguinte tocou no braço dela e estava frio. Ficou quieto, com os olhos cravados no teto e foram instantes cruéis antes que pudesse gritar: “Alex!” Nesse momento a porta se abriu e apareceu Maria, e ele percebeu que tinha tocado em Hortência e tinha sido Maria quem, enquanto ele dormia, a tinha colocado a seu lado.

Depois de pensar muito resolveu chamar Facundo – seu amigo fabricante de bonecas – e achar uma maneira que, ao se aproximar de Hortência, tivesse a impressão de encontrar nela calor humano. Facundo respondeu:

- Olhe, amigo, isso é um pouco difícil; o calor duraria o mesmo tempo que a água quente num cantil.

- Bem, não importa; faça o que quiser, mas não me diga como. Além disso, gostaria que ela não fosse tão dura, que ao pegá-la se tivesse uma sensação mais agradável...

- Também é difícil. Imagine que se você afundar o dedo nela ficará um buraco.

- Sim, mas de qualquer maneira poderia ser mais flexível; e te digo que esse defeito não me assusta muito.

Na tarde em que Facundo levou Hortência, Horácio e Maria estiveram tristes.

- Vai saber o que farão com ela!, dizia Maria.

- Bem, querida, não podemos perder o sentido de realidade. Hortência era simplesmente uma boneca.

- Era! Quer dizer que já a considera morta? E, além disso, é você que vem me falar sobre sentido de realidade?

- Queria te consolar...

- E você pensa que falando dela com esse desprezo me consola! Ela era mais minha do que sua. Eu a vestia e dizia coisas que não posso confiar a mais ninguém. Está ouvindo? E ela nos unia mais do que você supõe. (Horácio saiu em direção ao escritório). Te agradei muito preparando surpresas com ela. Que necessidade você tinha de “mais calor humano”!

⁹ No original *¿Qué Horacio, este!*, que permite o equívoco de Maria em relação a *¿Qué hora és?*

Maria tinha subido o tom de voz. E em seguida se ouviu uma batida de porta com a qual Horácio se fechou no seu escritório. Sobre o calor humano, dito por Maria, não só o ridicularizava como também lhe tirava a ilusão que tinha de Hortência quando voltasse. Quase em seguida teve a idéia de ir para a rua. Quando voltou, Maria não estava; e quando ela voltou os dois dissimularam, por um tempo, um prazer em se encontrarem bastante inesperado. Naquela noite ele não viu suas bonecas. No dia seguinte, esteve ocupado pela manhã: depois do almoço passeou com Maria pelo jardim; os dois achavam que a ausência de Hortência era algo provisório e que não deviam exagerar as coisas; Horácio pensou que era mais simples e natural, enquanto caminhavam, que ele abraçasse somente Maria. Os dois se sentiram leves, alegres, e saíram novamente. Mas naquele mesmo dia, antes do jantar, ele foi buscar sua mulher no quarto e achou estranho encontrar, simplesmente, ela. Por um momento ele tinha esquecido que Hortência não estava; e desta vez, sua ausência lhe causou um estranho mal-estar. Maria podia ser, como antes, uma mulher sem boneca; mas agora ele não podia admitir a idéia de Maria sem Hortência; aquela resignação de toda a casa e de Maria perante o vazio deixado pela boneca, tinha algo de loucura. Além disso, Maria ia de um lado para o outro no quarto e parecia que nesses momentos não pensava em Hortência; e no rosto de Maria se via a inocência de um louco que esqueceu de se vestir e anda nu. Depois foram até a sala de jantar e ele começou a tomar o vinho francês. Observou Maria várias vezes, silenciosamente, e por fim acreditou encontrar nela a idéia de Hortência. Então ele pensou no que uma significava para a outra. Sempre que ele pensava em Maria, lembrava dela com Hortência e se preocupando com seu asseio, como a sentaria e que não caísse; e em relação a ele, com as surpresas que prepararia. Se Maria não tocava piano - como a amante de Facundo - tinha Hortência e através dela desenvolvia sua personalidade de maneira original. Tirar Hortência de Maria era como tirar a arte de um artista. Hortência não era apenas uma maneira de ser de Maria, mas era seu traço mais encantador; e ele se perguntava como tinha podido amar Maria quando ela ainda não tinha Hortência. Talvez naquela época a expressasse em outras coisas ou de outra maneira. Mas há pouco, quando foi buscar Maria e encontrou, simplesmente Maria, ela lhe pareceu de uma insignificância inquietante. Além disso, - Horácio continuava tomando o vinho francês - Hortência era um obstáculo estranho; e ele podia dizer que algumas vezes tropeçava em Hortência para cair em Maria.

Depois de jantar, Horácio beijou a face fresca de Maria e foi ver suas vitrines. Numa era carnaval. Duas bonecas, uma morena e outra loira, estavam fantasiadas de *manolas*¹⁰ com um véu no rosto e debruçadas sobre um corrimão com colunas de mármore. À esquerda havia uma escadaria; e sobre os degraus, serpentinas, máscaras, véus e alguns objetos jogados ao acaso. A cena estava na penumbra; e de repente Horácio teve a impressão de reconhecer, na boneca morena, Hortência. Podia ser que Maria tivesse mandado buscá-la na loja de Facundo e ter preparado essa surpresa. Antes de continuar olhando, Horácio abriu a porta de vidro, subiu a escadaria e se aproximou das bonecas. Antes de levantar o véu percebeu que a morena era mais alta que Hortência e que não se parecia com ela. Ao descer a escadaria pisou numa máscara; depois a pegou e jogou para trás do corrimão. Esse gesto deu um sentido material aos objetos que o rodeavam e ficou desiludido. Foi até o tablado e ouviu com desgosto o ruído das máquinas separado dos sons do piano. Mas depois de alguns instantes olhou as bonecas e imaginou que elas fossem duas mulheres amando o mesmo homem. Então abriu a gaveta e se inteirou da legenda: “A mulher loira está noiva. Seu noivo percebeu, há algum tempo, que na verdade ama a amiga de sua noiva, a morena, e se declara. A morena também o ama; mas esconde e tenta dissuadir o noivo de sua amiga. Ele insiste; e na noite de carnaval confessa à sua noiva seu amor pela morena. Esse é o primeiro momento em que as amigas se encontram e as duas sabem a verdade. Entretanto não falam e permanecem um longo tempo fantasiadas e silenciosas”. Finalmente Horácio tinha acertado uma legenda: as duas amigas amam o mesmo homem; mas logo pensou que a coincidência de ter acertado significava um presságio ou um aviso de algo que já estava acontecendo: ele, como noivo das duas bonecas, não estaria apaixonado por Hortência? Esta suspeita fez com que ele andasse ao redor da boneca se fazendo estas perguntas: O que Hortência tinha para que ele tivesse se apaixonado por ela? Ele sentia pelas bonecas uma admiração puramente artística? Hortência representava simplesmente um consolo para quando ele perdesse sua mulher? Ele deixaria que a confusão sempre favorecesse Maria? Era absolutamente necessário que ele voltasse a pensar na personalidade das bonecas. Não quis se entregar a essas reflexões no mesmo quarto em que estaria sua mulher. Chamou Alex, fez com que dispensasse Walter e ficou sozinho com o ruído das máquinas; antes pediu ao criado uma garrafa do vinho francês. Depois começou a passear, fumando pelo salão. Quando chegava até o tablado tomava

¹⁰ Nome dado, no final do século XVIII e início do século XIX, às mulheres que viviam em certos bairros populares de Madrid, e que se vestiam de maneira peculiar e se caracterizavam por sua beleza e desibinição.

um pouco de vinho; e em seguida retomava o passeio refletindo: “Se há espíritos que freqüentam as casas vazias, por que não podem freqüentar os corpos das bonecas?”. Então pensou nos castelos abandonados, onde os móveis e os objetos, unidos debaixo de panos grossos, dormem um medo pesado: só estão acordados os fantasmas e os espíritos que se entendem com o vôo dos morcegos e os ruídos que vêm dos pântanos... Neste momento prestou atenção no ruído das máquinas e a taça caiu de suas mãos. Tinha os cabelos arrepiados. Imaginou compreender que as almas sem corpo pegavam esses ruídos que andavam soltos pelo mundo, que se expressavam através deles e que a alma que habitava o corpo de Hortência se entendia com as máquinas. Quis parar de pensar nisso e prestou atenção nos calafrios que percorriam seu corpo. Deixou-se cair numa poltrona e não teve outro remédio do que continuar pensando em Hortência: por isso numa noite de lua, tinham acontecido coisas tão inexplicáveis. Estavam no jardim e de repente ele teve vontade de correr até sua mulher; ela ria e foi se esconder atrás de Hortência – ele se deu conta de que isso não era o mesmo que se esconder atrás de uma árvore – e quando ele foi beijar Maria por cima do ombro de Hortência, recebeu uma formidável espetada. Em seguida ouviu com violência, o ruído das máquinas: sem dúvida elas anunciavam que ele não deveria beijar Maria por cima de Hortência. Maria não entendia como tinha podido deixar uma agulha no vestido da boneca. E ele, tinha sido tão tonto de acreditar que Hortência era um adorno para Maria, quando na realidade as duas se adornavam mutuamente. Depois voltou a pensar nos ruídos. Havia muito tempo que ele acreditava que, tanto os ruídos como os sons tinham vida própria e pertenciam a famílias distintas. Os ruídos das máquinas eram uma família nobre e talvez por isso Hortência os tivesse escolhido para expressar um amor constante. Naquela noite telefonou para Facundo e perguntou por Hortência. Seu amigo disse que a enviaria em breve e que as moças da oficina tinham inventado um processo... Aqui Horácio o tinha interrompido dizendo que queria ignorar os segredos da oficina. E depois de desligar o telefone sentiu um prazer secreto ao pensar que seriam moças que colocariam algo delas em Hortência. No outro dia Maria o esperou para almoçar, abraçando Hortência pela cintura. Depois de beijar sua mulher, Horácio pegou a boneca e a brandura e o calor de seu corpo lhe proporcionaram, por um momento, a felicidade que esperava; mas quando colocou seus lábios sobre os de Hortência teve a sensação de beijar alguém com febre. Entretanto, em pouco tempo já estava acostumado com esse calor e se sentiu reconfortado.

Naquela mesma noite, enquanto jantava, pensou: necessariamente a transmigração das almas deve se produzir somente entre pessoas e animais? Acaso não existiram moribundos que entregaram sua alma, com as próprias mãos a um objeto querido? Além disso, pode não ter sido por engano que um espírito tenha se escondido numa boneca parecida com uma bela mulher. E não poderia ter acontecido que uma alma, desejando voltar a habitar um corpo, tenha guiado as mãos de quem fabrica uma boneca? Quando alguém persegue uma idéia própria, não se surpreende ao encontrar algo inesperado como se outro o tivesse ajudado? Depois pensou em Hortência e se perguntou: de quem será o espírito que habita seu corpo? Naquela noite Maria estava de mau humor. Tinha resmungado com Hortência enquanto a vestia, porque não ficava quieta: caía para frente, e agora com a água estava mais pesada. Horácio pensou nas relações de Maria com Hortência, e nas estranhas nuances de inimizade que tinha visto entre mulheres que não conseguiam ficar uma sem a outra. Ao mesmo tempo lembrou que isso acontecia frequentemente entre mãe e filha... Pouco tempo depois levantou a cabeça do prato e perguntou à sua mulher:

- Me diga uma coisa, Maria, como era sua mãe?

- Por que essa pergunta agora? Quer saber os defeitos que herdei dela?

- Oh! Querida, de maneira nenhuma!

Disse isso de tal maneira que tranqüilizou Maria. Então ela disse:

- Escute, era completamente diferente de mim, tinha uma tranqüilidade admirável; era capaz de ficar horas sentada numa cadeira sem se mover, com os olhos no vazio.

“Perfeito”, disse Horácio para si mesmo. E depois de servir uma taça de vinho, pensou: não seria muito agradável, entretanto, se eu começasse a amar o espírito de minha sogra no corpo de Hortência.

- E que conceito ela tinha do amor?

- Por acaso o meu não te convém?

- Mas Maria, por favor!

- Ela não tinha nenhum. E graças a isso pôde se casar com o meu pai quando meus avós pediram; ele era rico; e ela foi uma grande companheira para ele.

Horácio pensou “Melhor assim; já não preciso mais me preocupar com isso”. Apesar de ser primavera, naquela noite fez frio; Maria pôs água quente em Hortência, a vestiu com uma

camisola de seda e a deitou com eles como se fosse um *porrón*¹¹. Horácio, antes de pegar no sono teve a sensação de estar afundado num lago morno; as pernas dos três pareciam raízes de árvores próximas enroladas: se confundiam na água e ele tinha preguiça de verificar quais eram as suas.

III

Horácio e Maria começaram a preparar uma festa para Hortência. Ia fazer dois anos. Horácio tinha pensado em apresentá-la num triciclo; dizia a Maria que o tinha visto no dia dedicado à locomoção e tinha certeza que o conseguiria. Não lhe disse que, há muitos anos, tinha visto um filme onde um noivo raptava sua noiva num triciclo e essa lembrança o tinha impulsionado a utilizar esse procedimento com Hortência. Os ensaios tiveram êxito. Inicialmente era difícil para Horácio pôr o triciclo em marcha; mas logo que conseguia mover a grande roda dianteira, o aparelho voava. No dia da festa o *buffet* esteve aberto desde o primeiro instante; o burburinho aumentava rapidamente e as exclamações que saíam das gargantas das pessoas e do gargalo das garrafas se confundiam. Quando Horácio foi apresentar Hortência tocou no grande pátio, uma campainha de colégio e os convidados se dirigiram para lá com suas taças. Por um longo corredor atapetado viram Horácio vir lutando com a grande roda de seu triciclo. Inicialmente via-se pouco do veículo; e de Hortência que vinha atrás de Horácio, somente se via o grande vestido branco; Horácio parecia vir pelo ar trazido por uma nuvem. Hortência se apoiava no eixo que unia as pequenas rodas traseiras e tinha os braços esticados para frente e as mãos colocadas nos bolsos da calça de Horácio. O triciclo parou no centro do pátio e Horácio, enquanto recebia os aplausos e as aclamações, acariciava, com uma das mãos, os cabelos de Hortência. Depois voltou a pedalar o aparelho com força; e quando se foram novamente pelo corredor dos tapetes e o triciclo ganhou velocidade, todos o olharam por um instante em silêncio e tiveram a impressão de um vôo. Em vista do êxito, Horácio retornou novamente em direção ao pátio: já tinham começado os aplausos e os risos; mas logo que desembocaram no pátio uma roda do triciclo se soltou e ele caiu de costas. Houve gritos, mas quando viram que Horácio não tinha se machucado, começaram outra vez os risos e os aplausos. Horácio caiu em cima de Hortência, com os pés para cima e fazendo movimentos de inseto. Os convidados choravam de rir; Facundo, quase sem poder falar, dizia:

¹¹ Vasilha de vidro onde se coloca água quente, e usada para aquecer os pés.

- Amigo, você parecia um brinquedo de corda que tomba com os pés para cima e continua andando!

Em seguida todos voltaram para a sala de jantar. Os rapazes que trabalhavam nas cenas das vitrines rodearam Horácio e pediam que lhes emprestasse Hortência e o triciclo para compor uma legenda. Horácio se recusava, mas estava muito contente e os convidou para ir até a sala das vitrines beber o vinho da França.

- Se você nos dissesse o que sente, quando está diante de uma cena – disse um dos rapazes – acho que enriqueceria nossas experiências.

Horácio tinha começado a balançar os pés, olhava os sapatos e por fim decidiu falar:

- Isso é muito difícil... mas vou tentar. Enquanto busco a maneira de me expressar, gostaria de pedir que não me fizessem mais nenhuma pergunta e que se conformassem com o que eu possa contar.

- Entendido, disse um, um pouco surdo, colocando a mão atrás da orelha.

Mas Horácio ficou calado por mais alguns instantes; juntava e separava as mãos abertas; e depois para que ficassem quietas, cruzou os braços e começou:

- Quando observo uma cena... – aqui parou e em seguida retomou o discurso com uma digressão -: (O fato de ver as bonecas nas vitrines é muito importante por causa do vidro; isso lhes confere certa qualidade de lembrança; antes, quando podia ver espelhos – agora me fazem mal, mas seria muito demorado explicar o porquê – eu gostava de ver os cômodos que apareciam nos espelhos). Quando observo uma cena, tenho a impressão de ter descoberto um presente que uma mulher recebeu num momento importante de sua vida; é algo assim – desculpem a maneira de dizê-lo – como se eu abrisse uma fresta na cabeça dela. Então fico com essa lembrança como se lhe roubasse uma peça íntima; com ela imagino e deduzo muitas coisas e até poderia dizer que ao examiná-la tenho a impressão de violar algo sagrado; além disso, me parece que essa é uma lembrança que restou numa pessoa morta; tenho a impressão de extraí-lo de um cadáver; e até espero que a lembrança se mova um pouco... Aqui se deteve; não se animou a dizer que tinha surpreendido muitos movimentos estranhos...

Os rapazes também ficaram em silêncio, a um ocorreu tomar todo o vinho que havia na taça e os outros o imitaram. Logo outro perguntou:

- Fale alguma coisa, de outro tipo, de seus gostos pessoais, por exemplo.

- Ah!, respondeu Horácio, não acho que tenha alguma coisa que possa servir para as cenas. Eu gosto, por exemplo, de caminhar por um piso de madeira onde haja açúcar derramado. Esse pequeno ruído...

Nesse momento Maria veio convidá-los para dar uma volta no jardim; já era noite escura e cada um levaria uma pequena tocha. Maria deu o braço a Horácio; eles iniciavam a caminhada e pediam aos demais que também fossem em pares. Antes de sair, pela porta que dava para o jardim, cada um pegava uma pequena tocha numa mesa e a acendia numa pira que havia noutra mesa. Ao ver o resplendor das tochas, os vizinhos tinham aparecido no círculo baixo do jardim e seus rostos surgiam entre as árvores como frutas suspeitas. De repente Maria cruzou um canteiro, e acendeu luzes instaladas numa árvore muito grande, e apareceu, no alto da copa, Hortência. Era uma surpresa de Maria para Horácio. Os convidados, admirados, davam vivas. Hortência tinha um leque branco aberto sobre o peito e atrás do leque, uma luz que refletia como lamparinas. Horácio beijou Maria e agradeceu a surpresa; depois enquanto os outros se divertiam, Horácio percebeu que Hortência olhava em direção ao caminho por onde ele sempre chegava. Quando passaram pelo círculo baixo, Maria ouviu que alguém entre os vizinhos gritou para os outros que vinham: “Se apressem, que a defunta apareceu numa árvore”. Trataram de voltar imediatamente para o interior da casa e brindaram à surpresa com Hortência. Maria ordenou às gêmeas – duas criadas irmãs – que a baixassem da árvore e pusessem água quente. Já tinha passado uma hora que tinham voltado do jardim, quando Maria começou a procurar Horácio; de novo o encontrou no salão das vitrines com os rapazes. Ela estava pálida e todos perceberam que algo grave estava acontecendo. Maria pediu licença aos rapazes e levou Horácio até o quarto. Ali estava Hortência com uma faca cravada debaixo do seio e da ferida brotava água; tinha o vestido molhado e a água já tinha alcançado o chão. Ela, como de costume, estava sentada em sua cadeira com os grandes olhos abertos; mas Maria tocou seu braço e notou que estava esfriando.

- Quem se atreveu a chegar até aqui e a fazer isso?, perguntava Maria se recostando no peito de seu marido numa crise de lágrimas.

Em pouco tempo a crise passou e ela se sentou numa cadeira pensando no que iria fazer. Depois disse:

- Vou chamar a polícia.

- Mas você está louca? respondeu Horácio. Vamos ofender todos os nossos convidados pelo que um tenha feito? E vai chamar a polícia para dizer que apunhalaram uma boneca e que

está saindo água? A dignidade exige que não falemos nada; é preciso saber perder. A entregaremos novamente a Facundo para que a conserte e assunto encerrado.

- Não me conformo, dizia Maria, chamarei um detetive particular. Que ninguém toque nela; as impressões digitais devem estar no cabo da faca.

Horácio procurou acalmá-la e lhe pediu que fosse atender seus convidados. Concordaram em trancar a boneca, como estava. Mas assim que Maria saiu, Horácio tirou um lenço do bolso, encharcou em água-forte¹² e passou no cabo da faca.

IV

Horácio conseguiu convencer Maria de que seria melhor silenciar sobre a punhalada em Hortência. No dia em que Facundo veio buscá-la, trouxe Luísa, sua amante. Ela e Maria foram até a sala de jantar e começaram a conversar como se abrissem as portas de duas gaiolas, uma de frente para a outra e misturassem os pássaros; já estavam acostumadas a conversar e a se escutar ao mesmo tempo. Horácio e Facundo se fecharam no escritório; eles falavam em voz baixa, um de cada vez como se bebessem, por turno, num mesmo jarro. Horácio dizia:

- Fui eu quem a apunhalou: era um pretexto para mandá-la à sua casa sem que soubessem, exatamente, para quê.

Depois os dois amigos tinham ficado em silêncio e com a cabeça baixa. Maria tinha curiosidade em saber sobre o que os homens estavam conversando; deixou Luísa por um instante e foi escutar atrás da porta do escritório. Acreditou reconhecer a voz de seu marido, mas falava como um afônico e não era possível entender nada. (Nesse momento Horácio, sempre com a cabeça baixa, estava dizendo a Facundo: “Pode ser uma loucura; mas sei de escultores que se apaixonaram por suas estátuas”). Pouco tempo depois Maria passou novamente por ali; mas só escutou seu marido dizer a palavra *possível*; e Facundo, a mesma palavra. (Na verdade, Horácio tinha dito: “Isso tem que ser possível”. E Facundo respondido: “Farei o possível”):

Uma tarde, Maria percebeu que Horácio estava estranho. Ao mesmo tempo em que olhava para ela com uma insistência amável, desviava bruscamente a cabeça e ficava preocupado. Numa

¹² Nome utilizado até o século XVII para o ácido nítrico diluído em água. Designa um dos processos da calcografia, em que a imagem obtida na impressão é fixada sobre uma chapa metálica, após a corrosão dos traços do artista pelo ácido nítrico. Refere-se não apenas ao processo, mas também à matriz utilizada na impressão da gravura e a própria gravura.

das vezes em que ele atravessou o pátio, ela o chamou, foi ao seu encontro e passando os braços em volta do pescoço dele, disse:

- Horácio, você nunca poderá me enganar; eu sei o que está acontecendo.

- O quê? – ele respondeu abrindo os olhos de louco.

- Você está assim por causa de Hortência.

Ele ficou pálido:

- Não Maria, você está cometendo um grave erro.

Estranhou o fato de ela não rir do tom com que ele pronunciou essas palavras.

- Sim... querido... ela já é como uma filha para nós, Maria continuava dizendo.

Por um instante ele pousou os olhos no rosto de sua mulher e teve tempo para pensar em muitas coisas; olhava todos os seus traços como se revisasse os recantos de um lugar que tinha freqüentado todos os dias durante uma vida de felicidade; e por último se libertou de Maria e foi se sentar na salinha e pensar no que tinha acabado de acontecer. No início, quando acreditou que sua mulher tinha descoberto sua relação com Hortência, pensou que o perdoaria; mas ao ver seu sorriso compreendeu o grande disparate que seria supor Maria ciente de tal pecado e perdoando. Seu rosto tinha a tranquilidade de certas paisagens; numa das faces havia um pouco da luz dourada do fim de tarde; e num pedaço da outra, se estendia a sombra de uma pequena montanha feita pelo seu nariz. Ele pensou em tudo de bom que havia na inocência do mundo e no exercício diário do amor; e se lembrou da ternura com que examinava o rosto de sua mulher cada vez que voltava de suas aventuras com as bonecas. Mas em pouco tempo, quando sua mulher ficasse sabendo que ele não apenas não sentia por Hortência o carinho de um pai, mas que a queria tornar sua amante, quando Maria soubesse de todo o cuidado com que ele tinha organizado a traição, então, todos os cantos de seu rosto seriam destroçados: Maria não poderia compreender todo o mal que tinha encontrado no mundo e no exercício diário do amor; ela não reconheceria seu marido e o horror a transtornaria.

Horácio tinha ficado olhando uma mancha de sol que havia na manga do paletó; ao retirar a manga, a mancha tinha passado para o vestido de Maria como se tivesse se contagiado; e quando se separou dela e começou a caminhar até a salinha, seus órgãos pareciam estar revirados, caídos e pesando insuportavelmente. Ao se sentar numa pequena banquetta da salinha, pensou que não era digno de ser recebido pela brandura de um móvel familiar e se sentiu tão incomodado como se tivesse se jogado em cima de uma pessoa. Ele também era desconhecido para si mesmo

e sentia uma enorme decepção ao descobrir de que matéria era feito. Depois foi para o seu quarto, deitou tapando-se até a cabeça e ao contrário do que tinha imaginado, dormiu imediatamente.

Maria falou com Facundo pelo telefone:

- Ouça, Facundo, se apresse para trazer Hortência senão Horácio vai adoecer.

- Vou dizer uma coisa a você, Maria; a punhalada afetou vias muito importantes da circulação de água; não se pode andar rápido; mas farei o possível para levá-la para vocês o mais depressa possível.

Pouco tempo depois Horácio acordou; um olho tinha ficado de frente para um pequeno barranco feito pelas cobertas e viu ao longe, o retrato de seus pais na parede: eles tinham morrido, de uma peste, quando ele era pequeno; agora ele pensava que o tinham roubado; ele era como um cofre no qual em vez de fortuna, tinham deixado ervas daninhas; e eles, seus pais, eram como dois bandidos que tivessem ido embora antes que ele crescesse e descobrisse a fraude. Mas em seguida estes pensamentos lhe pareceram monstruosos. Depois foi até a mesa e procurou parecer bem na frente de Maria. Ela disse:

- Pedi a Facundo que trouxesse Hortência logo.

Se ela soubesse, disse a si mesmo Horácio, que apressando o momento de trazer Hortência, está contribuindo para meu prazer que será a minha traição e a sua loucura! Ele virava a cabeça de um lado para o outro da mesa sem ver nada e como um cavalo que busca a saída com a cabeça.

- Está faltando alguma coisa?, perguntou Maria.

- Não, está aqui, ele disse enquanto pegava a mostarda.

Maria pensou que se ele não a via, estando tão perto, era porque estava se sentindo mal.

Quando acabou, se levantou, foi até sua mulher e começou a se inclinar até que seus lábios tocaram a face dela; dava a impressão de que o beijo tinha descido de pára-quedas sobre uma planície onde ainda havia felicidade.

Naquela noite, na primeira vitrine, havia uma boneca sentada na grama de um jardim; estava rodeada por grandes esponjas, mas sua atitude era a de estar entre flores. Horácio não tinha vontade de pensar no destino dessa boneca e abriu a gaveta onde estavam as legendas: “Esta mulher é uma doente mental; não foi possível averiguar porque ama as esponjas”. Horácio disse a si mesmo: “Pois eu lhes pago para que averiguem”. E logo pensou com severidade: “Essas esponjas devem simbolizar a necessidade de lavar muitas culpas”. Na manhã seguinte quando

acordou, estava com o corpo enrolado e se lembrou de quem era, agora. Seu nome e sobrenome lhe pareceram diferentes e os imaginou escritos num cheque sem fundos. Seu corpo estava triste; já tinha acontecido algo semelhante com ele quando um médico disse que tinha sangue fraco e coração pequeno. Entretanto aquela tristeza tinha passado. Nesse momento esticou as pernas e pensou: “Antes, quando eu era jovem, tinha mais vitalidade para me defender dos remorsos: me importava muito menos com o mal que pudesse fazer aos outros. Agora carregarei a debilidade dos anos? Não, deve ser um desenvolvimento tardio dos sentimentos e da vergonha”. Levantou bastante aliviado; mas sabia que os remorsos eram como nuvens empurradas para algum lugar no horizonte e que voltariam com a noite.

V

Uns dias antes de trazerem Hortência, Maria levava Horácio para passear; queria distraí-lo; mas ao mesmo tempo achava que ele estava triste porque ela não podia ter uma filha de verdade. Na tarde em que trouxeram Hortência, Horácio não esteve muito carinhoso com ela e Maria voltou a pensar que a tristeza de Horácio não era por causa de Hortência; mas um pouco antes do jantar ela percebeu que Horácio sentia, perante Hortência, uma emoção contida e ficou tranqüila. Ele, antes de ir ver suas bonecas, foi dar um beijo em Maria; a olhava de perto, com os olhos muito abertos e como se quisesse ter certeza de que não havia nada de estranho escondido em nenhum lugar de seu rosto. Já tinham passado muitos dias sem que Horácio ficasse sozinho com Hortência. E depois Maria se lembraria para sempre da tarde em que ela, um pouco antes de sair e apesar de não estar fazendo muito frio, pôs água quente em Hortência e a deitou com Horácio para que ele dormisse a sesta confortavelmente. Naquela mesma noite ele observava os traços do rosto de Maria com a certeza de que logo seriam inimigos; a todo instante ele se mexia e dava passos mais curtos do que de costume como se estivesse se preparando para receber um indício de que Maria tinha descoberto tudo. Isso aconteceu numa manhã. Há muito tempo, quando Maria tinha reclamado da barba de Alex, Horácio tinha dito:

- Pior foi você que escolheu como empregadas duas gêmeas tão parecidas!

E Maria tinha respondido:

- Você tem algo de especial para dizer a alguma delas? Aconteceu algum equívoco lamentável?

- Sim, uma vez te chamei e veio a que tem a honra de ter seu nome.

Então Maria ordenou às gêmeas que não viessem ao térreo quando o patrão estivesse em casa. Mas uma vez, enquanto uma delas fugia para não ser vista por Horácio, ele a perseguiu pensando ser uma estranha e deu de cara com sua mulher. Depois disso Maria mandava que viessem nada mais que algumas horas pela manhã e não deixava de vigiá-las. No dia em que tudo foi descoberto, Maria tinha surpreendido as gêmeas levantando a camisola de Hortência em momentos em que não deveriam pôr água quente nela nem vesti-la. Quando elas saíram do quarto, Maria entrou. E pouco tempo depois as gêmeas viram a dona da casa atravessando o pátio, muito apressada, em direção à cozinha. Depois tinha passado de volta com a faca grande de cortar carne; e quando elas, assustadas a seguiram para ver o que estava acontecendo, Maria tinha lhes batido a porta na cara. As gêmeas se viram obrigadas a olhar pela fechadura; mas como Maria tinha ficado de costas tiveram que ir espiar pela outra porta. Maria pôs Hortência em cima de uma mesa, como se fosse fazer uma cirurgia e lhe dava punhaladas curtas e seguidas; estava desgrenhada e um esguicho de água batia em seu rosto; de um ombro de Hortência brotavam outros dois, muito finos, e se cruzavam como na fonte do jardim; e do ventre saíam borbulhas que moviam um pedaço rasgado da camisola. Uma das gêmeas tinha se apoiado num almofadão, tapava um olho com a mão e com o outro olhava sem piscar pela fechadura; por ali vinha um pouco de ar que a fazia lacrimejar; então cedia o lugar à sua irmã. Dos olhos de Maria também saíam lágrimas; por fim deixou a faca em cima de Hortência, foi se sentar numa poltrona e chorar com as mãos no rosto. As gêmeas não tiveram mais interesse em olhar pela fechadura e foram para a cozinha. Mas logo a patroa as chamou para que ajudassem a arrumar as malas. Maria resolveu suportar a situação com a dignidade de uma rainha desventurada. Disposta a castigar Horácio e pensando nas atitudes que teria perante seus olhos, disse às gêmeas que se o patrão chegasse, dissessem que ela não o podia receber. Começou a arrumar tudo para uma longa viagem e presenteou as gêmeas com alguns vestidos; e finalmente, enquanto Maria ia embora no automóvel da casa, as gêmeas se entregavam com complacência ao sentimento de sua patroa; mas ao entrar em casa novamente e ver os vestidos que tinham ganho, ficaram muito contentes: tiraram as cortinas dos espelhos – estavam tapados para evitar que Horácio tivesse a má impressão de se ver – e aproximaram os vestidos do corpo para admirar o efeito. Uma delas viu pelo espelho o corpo mutilado de Hortência e disse: “Que sujeito sem vergonha”. Referia-se a Horácio. Ele, tinha aparecido numa das portas e pensava numa maneira de perguntar o que

estavam fazendo com estes vestidos em frente aos espelhos despidos. Mas de repente viu o corpo de Hortência sobre a mesa, com a camisola rasgada e se dirigiu para lá. As gêmeas iniciaram a fuga. Ele as deteve:

- Onde está a senhora?

A que tinha dito “que sujeito sem vergonha” o olhou de frente e respondeu:

- Disse que faria uma longa viagem e nos deu estes vestidos.

Ele fez sinal para que fossem embora e essas palavras vieram à sua cabeça: “A coisa já aconteceu”. Olhou novamente o corpo de Hortência: ainda trazia no ventre a faca de cortar carne. Ele não sentia muita pena e chegou a pensar, por um momento, que era possível consertar aquele corpo; mas em seguida imaginou o corpo costurado e se lembrou de um cavalo esburacado que havia tido na infância: sua mãe tinha dito que colocaria um remendo; mas ele ficou decepcionado e preferiu jogá-lo fora.

Desde o princípio, Horácio teve certeza de que Maria voltaria e disse a si mesmo: “Devo esperar os acontecimentos com a maior calma possível”. Além disso, ele voltaria a ser, como nos seus melhores tempos, ousado. Lembrou-se do que tinha acontecido naquela manhã e achou que também trairia Hortência. Há pouco tempo, Facundo tinha lhe mostrado outra boneca; era uma loira divina e já tinha história: Facundo tinha espalhado a notícia de que existia, num país do norte, um fabricante dessas bonecas; tinham conseguido os projetos e os primeiros ensaios foram um sucesso. Então, poucos dias depois, recebeu a visita de um homem tímido; tinha uns olhos grandes embolsados em pálpebras que mal conseguia levantar, e pedia dados concretos. Facundo, enquanto procurava fotografias de bonecas, ia dizendo: “O nome genérico delas é *Hortências*; mas depois aquele que deverá ser seu dono, lhe dá o nome que ela o inspire intimamente. Estes são os únicos modelos de Hortências que vieram com os projetos”. Mostrou apenas três e o homem tímido se comprometeu, quase sem pensar, com uma e fez a encomenda para pagamento à vista. Facundo pediu um preço alto e o comprador moveu as pálpebras várias vezes; mas depois tirou uma caneta-tinteiro em forma de submarino e assinou o contrato. Horácio viu a loira pronta e pediu a Facundo que não a entregasse ainda; e seu amigo aceitou porque já tinha começado outras. Horácio pensou, num primeiro momento, em montar um apartamento para ela; mas agora lhe ocorria outra coisa; a traria para casa e a colocaria na vitrine das que esperavam um lugar. Depois que todos fossem dormir, ele a levaria para o seu quarto; antes que se levantassem a colocaria de volta na vitrine. Por outro lado ele não esperava que Maria voltasse para casa pela

madrugada. Logo que Facundo colocou a nova boneca à disposição de seu amigo, Horácio se sentiu tomado por uma boa sorte que não experimentava desde a adolescência. Alguém o protegia, já que tinha voltado para casa depois que tudo já tinha acontecido. Além disso, ele poderia dominar os acontecimentos com o ímpeto de um homem jovem. Se tinha abandonado uma boneca por outra, agora ele não podia se deter sentindo pena do corpo mutilado de Hortência. O retorno de Maria era certo porque ele já não se importava nada com ela; e Maria é que devia se ocupar do corpo de Hortência.

De repente Horácio começou a caminhar como um ladrão, encostado à parede; alcançou o fundo de um armário, abriu a cortina que deveria cobrir o espelho e depois fez o mesmo com o outro armário. Já havia muito tempo que tinha mandado colocar essas cortinas. Maria sempre havia cuidado para que ele não se deparasse com um espelho descoberto: antes de se vestir fechava o quarto e antes de abri-lo cobria os espelhos. Então ficou chateado ao pensar que as gêmeas, não só usavam vestidos que ele tinha dado à sua esposa, como também tinham deixado os espelhos livres. Não significava que ele não gostasse de ver as coisas pelos espelhos; mas a cor escura de seu rosto o fazia pensar nuns bonecos de cera que tinha visto num museu na tarde em que assassinaram um comerciante; no museu também havia bonecos que representavam corpos assassinados e a cor do sangue na cera foi tão desagradável para ele como se fosse possível ver, depois de morto, as punhaladas que o tinham matado. O espelho da penteadeira estava sempre sem cortinas; era baixo e Horácio podia passar, distraído, na sua frente e se inclinar, todos os dias, até ver apenas o nó da gravata; se penteava de memória e se barbeava tocando o rosto. Aquele espelho podia dizer que sempre tinha refletido um homem sem cabeça. Naquele dia, depois de abrir a cortina dos armários, Horácio passou, crédulo como de costume, em frente ao espelho da penteadeira: mas viu sua mão sobre o tecido escuro do terno e teve uma sensação desagradável semelhante à de ver seu rosto. Então se deu conta de que agora, a pele de suas mãos também tinha cor de cera. Ao mesmo tempo se lembrou de uns braços que tinha visto naquele dia no escritório de Facundo: tinham uma cor agradável e eram muito parecidos com os da loira. Horácio, como uma criança que pede lascas a alguém que trabalha com madeira, disse a Facundo:

- Quando sobrar braços ou pernas de que não precise, mande para mim.
- E para que você quer isso, amigo?

- Gostaria que compusessem cenas nas minhas vitrines com braços e pernas soltas; por exemplo: um braço em cima de um espelho, uma perna que sai de debaixo de uma cama, ou algo parecido.

Facundo passou a mão no rosto e olhou Horácio com dissimulação. Naquele dia, Horácio almoçou e tomou vinho com tal tranquilidade que era como se Maria tivesse ido passar o dia na casa de um parente. A sensação de ser afortunado lhe dava certa tranquilidade. Levantou contente da mesa, pensou em levar as mãos para passear um pouco pelo teclado e por fim foi até o quarto para fazer a sesta. Ao passar em frente à penteadeira, disse: “Reagirei às minhas manias e olharei os espelhos de frente”. Além disso, gostava muito de se deparar com surpresas de pessoas e objetos em equívocos provocados por espelhos. Depois olhou Hortência mais uma vez, decidiu que a deixaria ali até que Maria voltasse e se deitou. Ao esticar os pés entre as cobertas, tocou num corpo estranho, deu um pulo e desceu da cama; ficou de pé um instante e finalmente tirou as cobertas: era uma carta de Maria: “Horácio: aí te deixo sua amante; eu também a apunhalei; mas posso confessar porque não é um pretexto hipócrita para mandá-la à oficina para que façam heresias com ela. Você me deixou com nojo da vida e peço que não procure me encontrar. Maria”. Voltou a se deitar, mas como não conseguia dormir, levantou. Evitava olhar os objetos de sua mulher como evitava olhar para ela quando estavam brigados. Foi ao cinema; ali cumprimentou, sem querer, um inimigo e se lembrou várias vezes de Maria. Voltou para a casa negra quando ainda entrava um pouco de sol no seu quarto. Ao passar na frente de um espelho e apesar da cortina estar fechada, viu seu rosto através dela: alguns raios de sol batiam no espelho e fizeram brilhar suas feições como as de um espectro. Sentiu um calafrio, fechou as janelas e se deitou. Se a sorte que teve quando jovem voltava agora, restaria pouco tempo para aproveitá-la; não viria sozinha e ele teria que lutar contra acontecimentos tão estranhos como os que se produziam por causa de Hortência. Agora ela descansava, a poucos metros dele; menos mal que seu corpo não iria se decompor; então pensou no espírito que tinha vivido nele como num habitante que não tinha muito a ver com sua habitação. Não poderia ser que o habitante do corpo de Hortência tivesse provocado a fúria de Maria, para que ela desmanchasse o corpo de Hortência e evitasse assim a proximidade dele, de Horácio? Não conseguia dormir; tinha a impressão de que os objetos do quarto eram pequenos fantasmas que se entendiam com os ruídos das máquinas. Levantou, foi até a mesa e começou a tomar vinho. Nessa hora sentia muita falta de Maria. Quando terminou o jantar percebeu que não daria um beijo nela e foi para a salinha. Ali,

tomando café pensou que enquanto Maria não voltasse, ele não deveria ir até o quarto nem até a mesa de sua casa. Depois saiu para caminhar e lembrou que num bairro próximo havia um hotel de estudantes. Foi até lá. Na entrada havia uma palmeira e atrás dela, pedaços de espelhos que subiam as escadas na proporção dos degraus; então continuou caminhando. O fato de tantos espelhos terem se apresentado a ele num único dia era um sinal suspeito. Depois lembrou que naquela mesma manhã, antes de se encontrar com as pessoas da casa, ele tinha dito a Facundo que gostaria de ver um braço sobre um espelho. Mas também se lembrou da boneca loira e decidiu, mais uma vez, lutar contra suas manias. Voltou seus passos em direção ao hotel, cruzou a palmeira e procurou subir a escada sem se olhar nos espelhos. Havia muito tempo que não via tantos juntos; as imagens se confundiam, ele não sabia para onde ir e chegou a pensar que pudesse haver alguém escondido entre os reflexos. No primeiro andar apareceu a dona; mostraram os quartos disponíveis – todos tinham grandes espelhos – ele escolheu o melhor e disse que voltaria em uma hora. Foi até a casa negra, arrumou uma pequena mala e quando voltou lembrou que antes, aquele hotel, tinha sido uma casa de encontros. Então não estranhou o fato de haver tantos espelhos. No quarto que ele escolheu havia três; o maior ficava de um lado da cama; e como o quarto que aparecia nele era o mais bonito, Horácio olhava o do espelho. Estaria cansado de representar, durante anos, aquele ambiente chinês. Já não era agressivo o vermelho do papel de parede e segundo o espelho parecia o fundo de um lago, cor de tijolo, onde tivessem submergido pontes com cerejeiras. Horácio se deitou e apagou a luz; mas continuou olhando o quarto com o resplendor que vinha da rua. Tinha a impressão de estar escondido no seio de uma família pobre. Ali todas as coisas tinham envelhecido juntas e eram amigas; mas as janelas ainda eram jovens e olhavam para fora; eram gêmeas, como as de Maria, se vestiam da mesma maneira, tinham cortinas com babados presas no vidro e cortinados de veludo puxados de ambos os lados. Horácio teve um pouco a impressão de estar vivendo no corpo de um desconhecido, de quem roubasse o bem-estar. Em meio a um grande silêncio, sentiu seus ouvidos zunirem e percebeu que sentia falta do ruído das máquinas; talvez lhe fizesse bem sair da casa negra e não as ouvir mais. Se agora Maria estivesse deitada a seu lado, ele seria completamente feliz. Logo que voltasse para casa, ele proporia a ela passarem uma noite neste hotel. Mas em seguida se lembrou da boneca loira que tinha visto pela manhã e depois dormiu. No sonho havia um lugar escuro onde passava voando um braço branco. Um ruído de passos num quarto próximo o acordou. Desceu da cama e começou a caminhar descalço sobre o tapete; mas percebeu que uma mancha

branca o seguia e compreendeu que seu rosto se refletia num espelho que estava em cima da lareira. Então imaginou que poderiam inventar espelhos nos quais fosse possível ver os objetos, mas não as pessoas. Imediatamente percebeu que isso era um absurdo; além disso, se ele se colocasse na frente de um espelho e este não o refletisse, seu corpo não pertenceria a este mundo. Voltou a se deitar. Alguém acendeu a luz no quarto da frente e essa mesma luz caiu sobre o espelho que ficava ao lado de Horácio. Depois pensou na sua infância, se lembrou de outros espelhos e dormiu.

VI

Havia pouco tempo que Horácio estava dormindo no hotel e as coisas aconteciam como na primeira noite: na casa que ficava em frente acendiam-se janelas que escorriam pelos espelhos; ou ele acordava e encontrava as janelas adormecidas. Uma noite ouviu gritos e viu chamas no seu espelho. No início as observou como numa tela de cinema; mas logo pensou que se havia chamas no espelho também deveria haver na realidade. Então, como uma mola, deu meia volta na cama e se deparou com umas chamas que bailavam no buraco de uma janela em frente, como diabinhos num teatro de títeres. Jogou-se no chão, colocou um roupão e apareceu numa de suas janelas. As chamas se refletiam no vidro e esta janela parecia assustada ao ver o que acontecia com a da frente. Embaixo – o quarto de Horácio ficava no primeiro andar – havia muita gente e neste momento chegavam os bombeiros. Foi quando Horácio viu Maria numa outra janela do hotel. Ela estava olhando para ele e não o reconhecia. Horácio acenou, fechou a janela, atravessou o corredor, foi até a porta que imaginava ser a de Maria e bateu. Ela apareceu em seguida e disse:

- Não conseguirá nada me seguindo.

E fechou a porta na sua cara. Horácio ficou quieto e pouco tempo depois a ouviu chorar atrás da porta. Então respondeu:

- Não vim te procurar; mas já que nos encontramos deveríamos ir para casa.

- Vá, vá você sozinho, ela tinha dito.

Apesar de tudo, teve a impressão de que ela queria voltar. No outro dia, Horácio foi até a casa negra e se sentiu feliz. Gozava da suntuosidade daqueles interiores e caminhava em meio a

suas riquezas como um sonâmbulo; todos os objetos viviam ali, lembranças tranquilas e os cômodos altos davam a impressão de que mantinham afastada uma morte que viria do céu.

Mas à noite, depois de jantar foi até o salão e teve a impressão de que o piano era um grande ataúde e que o silêncio velava um músico que tinha morrido há pouco tempo. Levantou a tampa do piano e aterrorizado a deixou cair com um grande estrondo; ficou um instante com os braços levantados, como perante alguém que o ameaçasse com um revólver, mas depois foi até o quintal e começou a gritar:

- Quem colocou Hortência dentro do piano?

Enquanto repetia a pergunta continuava com a visão de seu cabelo emaranhado nas cordas do instrumento e o rosto achatado pelo peso da tampa. Viu uma das gêmeas mas não conseguia falar. Depois chegou Alex:

- A patroa esteve aqui esta tarde; veio buscar roupa.

- Essa mulher ainda vai me matar com essas surpresas, gritou Horácio sem poder se controlar. Mas de repente se acalmou:

- Leve Hortência para a sua alcova e amanhã cedo diga a Facundo que venha buscá-la. Espere – gritou quase em seguida. Chegue mais perto. E olhando o lugar por onde as gêmeas tinham saído, baixou a voz para pedir outra coisa:

- Diga a Facundo que quando vier buscar Hortência já pode trazer a outra.

Naquela noite foi dormir em outro hotel; coube a ele um quarto que tinha apenas um espelho; o papel era amarelo com flores vermelhas e folhas verdes enroladas em varetas que simulavam um caramanchão. A colcha também era amarela e Horácio estava irritado: tinha a impressão de que dormiria ao ar livre. No outro dia de manhã foi até sua casa, fez com que trouxessem grandes espelhos e os colocou no salão de forma que multiplicassem as cenas de suas bonecas. Naquele dia não vieram buscar Hortência nem trouxeram a outra. Naquela noite Alex foi levar o vinho para o salão e deixou cair a garrafa...

- Não é para tanto, disse Horácio.

Estava com o rosto tapado com um véu e usava luvas amarelas.

- Pensei que fosse um bandido, disse Alex enquanto Horácio ria e o ar que saía de sua boca inflava a seda negra do véu.

- Esses trapos no rosto me dão muito calor e me impedirão de tomar vinho; antes que eu os tire você deve retirar os espelhos da parede, colocá-los no chão e recostá-los na cadeira. Assim, disse Horácio, tirando um e colocando como queria.

- Poderiam ser recostados com o vidro voltado para a parede; assim estariam mais seguros, objetou Alex.

- Não, porque mesmo no chão, quero que reflitam algo.

- Então poderiam ficar recostados na parede olhando para fora.

- Não, porque a inclinação necessária para recostá-los na parede, fará com que reflitam o que está acima e não tenho interesse em ver o meu rosto.

Depois que Alex os acomodou como seu patrão queria, Horácio tirou o véu e começou a tomar vinho; andava por uma passadeira que havia no centro do salão; os espelhos olhavam para lá e tinham na sua frente, a cadeira em que estavam recostados. Essa pequena inclinação em relação ao chão lhe dava a impressão de que os espelhos fossem serventes que cumprimentassem com o corpo inclinado, mantendo as pálpebras levantadas e sem deixar de observá-lo. Além disso, entre as pernas da cadeira refletiam o chão e davam a sensação de que estivesse torcido. Depois de tomar vinho isso lhe causou má impressão e decidiu ir para a cama. No outro dia – essa noite dormiu em casa - o motorista veio pedir dinheiro da parte de Maria. Ele deu sem perguntar onde ela estava; mas imaginou que Maria não voltaria logo; então, quando trouxeram a loira, ele mandou que a levassem diretamente para o seu quarto. À noite ordenou às gêmeas que a vestissem com uma roupa de festa e a levassem à mesa. Comeu em frente a ela; e no final do jantar, e na presença de uma das gêmeas, perguntou a Alex:

- O que você acha desta?

- Muito bonita, senhor, se parece muito com uma espiã que conheci na guerra.

- Isso me agrada, Alex.

No dia seguinte, apontando para a loira, Horácio disse às gêmeas:

- De hoje em diante devem chamá-la de senhora Eulália.

À noite Horácio perguntou às gêmeas: (agora elas não se escondiam mais dele) – Quem está na sala de jantar?

- A senhora Eulália, disseram as gêmeas ao mesmo tempo.

Mas quando Horácio não estava, e para zombar de Alex, diziam: “Já está na hora de colocar água quente na espiã”.

VII

Maria esperava, no hotel dos estudantes, que Horácio aparecesse de novo. Saía somente por alguns instantes para que arrumassem o quarto. Andava pelos arredores com a cabeça erguida; mas não olhava ninguém nem coisa alguma; e enquanto caminhava pensava: “Sou uma mulher que foi abandonada por causa de uma boneca; mas se ele me visse agora, viria até mim”. Quando voltava para o seu quarto, pegava um livro de poesias, encapado com oleado azul e começava a ler distraidamente, em voz alta e a esperar por Horácio; mas ao perceber que ele não vinha procurava penetrar nas poesias: era como se, sem querer, alguém tivesse deixado uma porta aberta e nesse momento ela aproveitasse para ver o interior. Ao mesmo tempo teve a impressão de que o papel de parede do quarto, o biombo e o lavatório com suas torneiras niqueladas, também tivessem compreendido a poesia; e que havia algo de nobre, na sua matéria, que os obrigava a fazer um esforço e a prestar uma atenção sublime. Muitas vezes, no meio da noite, Maria acendia a lâmpada e escolhia uma poesia como se fosse possível escolher um sonho. No dia seguinte voltava a caminhar pelas ruas daquele bairro e imaginava que seus passos eram de poesia. E numa manhã pensou: “Gostaria que Horácio soubesse que caminho sozinha, entre as árvores, com um livro nas mãos”.

Então mandou buscar o motorista, arrumou novamente as malas e foi até a casa de uma prima de sua mãe: ficava nos arredores da cidade e havia árvores. Sua parenta era uma solteirona que morava numa casa antiga: quando seu corpo imenso passava pelos cômodos, sempre no escuro, e fazia ranger o chão, um louro gritava: “Bom dia, sopas de pão¹³”: Maria contou à Pradera sua desgraça sem derramar uma única lágrima. Sua parenta a ouviu espantada; depois se indignou e por último começou a lacrimejar. Mas Maria foi, com serenidade, despedir o motorista e o encarregou de pedir dinheiro a Horácio e que se ele perguntasse por ela, dissesse, como se fosse coisa sua, que ela passeava entre as árvores com um livro nas mãos; e que se perguntasse onde ela estava, lhe dissesse; por último o encarregou de vir no outro dia na mesma hora. Depois ela foi se sentar debaixo de uma árvore com o livro de oleado; dele se desprendiam poemas que se espalhavam pela paisagem como se de novo, eles formassem as copas das árvores e

¹³ No original, *sopas de leche*, que se refere a fatias finas de pão embebidas em leite que eram servidas no café da manhã.

movessem, lentamente, as nuvens. Durante o almoço Pradera esteve pensativa, mas depois perguntou a Maria:

- O que você está pensando em fazer com esse indecente?
- Esperar que venha e perdoá-lo.
- Não estou te reconhecendo, sobrinha; esse homem te deixou idiota e te manipula como uma de suas bonecas.

Maria baixou os olhos com um silêncio de bem-aventurada. Mas de tarde chegou a mulher que fazia a limpeza, trouxe o jornal “A Noite”, do dia anterior e os olhos de Maria roçaram um título que dizia: “As Hortências de Facundo”. Não pôde deixar de ler a nota: “No último andar da loja A Primavera, será realizada uma grande exposição e dizem que algumas das bonecas que vestirão os últimos modelos, serão Hortências. Esta notícia coincide com a entrada de Facundo, o fabricante das famosas bonecas, como sócio desta loja. Vemos alarmados como esta nova falsificação do pecado original – do qual já falamos em outras edições – abre caminho no nosso mundo. Aqui está um dos panfletos da propaganda, encontrados num de nossos principais clubes: Você é feio? Não se preocupe. Você é tímido? Não se preocupe. Numa Hortência encontrará um amor silencioso, sem brigas, sem respostas sufocantes, sem mexericos”.

Maria acordava agitada:

- Que pouca vergonha! O mesmo nome da nossa...

E não soube o que acrescentar. Tinha levantado os olhos e enchendo-os de raiva, apontava para um lugar fixo:

- Pradera!, gritou furiosa, olhe!

Sua tia meteu as mãos na caixa de costura e piscando para tentar enxergar, procurava os óculos. Maria disse:

- Ouça. – E leu a nota. – Não apenas pedirei o divórcio, disse depois, como também armarei um escândalo como nunca se viu neste país.

- Finalmente, filha, baixa das nuvens, gritou Pradera levantando as mãos vermelhas por causa da água de lavar panelas.

Enquanto Maria passeava agitada, tropeçando nos vasos e nas plantas inocentes, Pradera aproveitou para esconder o livro de oleado. No outro dia, o chofer estava pensando em como iria se esquivar das perguntas de Maria sobre Horácio; mas ela apenas pediu o dinheiro e em seguida o mandou à casa negra para buscar Maria, uma das gêmeas. Maria – a gêmea – chegou pela tarde

e contou sobre a espiã, que deviam chamar de “senhora Eulália”. Num primeiro momento Maria – a mulher de Horácio – ficou horrorizada e lhe perguntou com palavras brandas:

- Se parece comigo?

- Não, senhora, a espiã é loira e tem outros vestidos.

Maria – a mulher de Horácio – ficou paralisada, mas em seguida se atirou novamente na poltrona e começou a chorar aos gritos. Depois chegou a tia. A gêmea contou tudo novamente. Pradera começou a sacudir seus seios imensos soltando gemidos lastimosos; e o louro, perante aquele escândalo gritava: “Bom dia, sopas de pão”.

VIII

Walter tinha voltado das férias e Horácio retomou as sessões de suas vitrines. Na primeira noite tinha levado Eulália ao salão. A colocava sentada com ele, na tarimba, e a abraçava enquanto olhava as outras bonecas. Os rapazes tinham composto cenas com mais *personagens*¹⁴ que de costume. Na segunda vitrine havia cinco: pertenciam à comissão diretiva de uma sociedade que protegia jovens abandonadas. Nesse momento uma delas tinha sido eleita presidente; e outra, a rival derrotada, estava de cabeça baixa; era a que Horácio mais gostava. Ele deixou Eulália por um momento e foi beijar a face fresca da derrotada. Quando voltou para junto de sua companheira quis ouvir, entre as pausas da música, o ruído das máquinas e se lembrou do que Alex tinha dito sobre a semelhança de Eulália, com uma espiã de guerra. De qualquer modo, aquela noite seus olhos se entregaram, com gula, à diversidade de suas bonecas. Mas no dia seguinte acordou muito cansado e à noite teve medo da morte. Sentia-se angustiado por não saber quando morreria nem a parte do seu corpo que seria atacada primeiro. Cada vez ficava mais difícil estar sozinho; as bonecas não lhe faziam companhia e pareciam dizer: “Nós somos bonecas; e você se arranje como puder”. Às vezes assobiava, mas ouvia seu próprio assobio como se estivesse se agarrando a uma corda muito fina que se rompia assim que se distraía. Outras vezes falava em voz alta e comentava estupidamente o que estava fazendo: “Agora vou até o escritório buscar o tinteiro”. Ou pensava no que estava fazendo como se observasse outra pessoa: “Está abrindo a gaveta. Agora este imbecil está tirando a tampa do tinteiro. Vamos ver quanto tempo vai durar sua vida”. Por fim se assustava e saía para a rua. No dia seguinte recebeu um

¹⁴ Itálico do autor.

caixote; o enviava Facundo; fez com que o abrisse e viu que estava cheio de braços e pernas soltas; então lembrou que uma manhã ele tinha pedido a Facundo que lhe enviasse os restos de bonecas de que não precisasse. Teve medo de encontrar alguma cabeça solta – isto não o teria agradado -. Depois fez com que levassem o caixote para onde as bonecas esperavam o momento de serem utilizadas; falou com os rapazes pelo telefone e lhes explicou como fazer para que os braços e as pernas participassem das cenas. Mas a primeira experiência foi desastrosa e ele ficou muito aborrecido. Assim que abriu a cortina viu uma boneca de luto sentada ao pé de uma escadaria parecida com o átrio de uma igreja; olhava para frente; por debaixo da saia saía uma quantidade impressionante de pernas: eram umas dez ou doze; e em cada degrau havia um braço solto com a mão para cima. “Que estúpidos – dizia Horácio – não se trata de utilizar todas as pernas e braços que existem”. Sem pensar em nenhuma interpretação abriu a caixinha das legendas para ler o enredo: “Esta é uma viúva pobre que caminha todos os dias para conseguir o que comer e colocou mãos que pedem esmola como armadilhas para caçar moedas”. “Que ridículo – continuou dizendo Horácio – isto é um símbolo estúpido”. Foi se deitar, com raiva: e quando estava quase dormindo, via a viúva andando com todas as pernas como se fosse uma aranha.

Depois desse ensaio infeliz, Horácio sentiu uma grande decepção pelos rapazes, pelas bonecas e até mesmo por Eulália. Mas poucos dias depois, Facundo o levava de carro por uma estrada e de repente disse:

- Está vendo aquela casinha de dois andares, na beira do rio? Bem, ali vive o “tímido” com sua boneca que é irmã da sua; como quem diz, sua cunhada... (Facundo deu uma palmada na sua perna e os dois riram). Vem apenas ao anoitecer; e tem medo que a mãe fique sabendo.

No dia seguinte, quando o sol estava muito alto, Horácio foi sozinho, pelo caminho de terra que levava ao rio, até a casinha do tímido. Antes de chegar, o caminho passava por baixo de um portão fechado e ao lado de outra casinha, menor, que deveria ser do guarda florestal. Horácio bateu palmas e saiu um homem, sem se barbear, com um chapéu velho na cabeça e mastigando alguma coisa.

- Que deseja?

- Me disseram que o dono daquela casa tem uma boneca...

O homem tinha se encostado numa árvore e o interrompeu para dizer:

- O dono não está.

Horácio tirou várias notas da carteira e o homem, ao ver o dinheiro, começou a mastigar mais lentamente. Horácio colocava as notas na mão como se fossem cartas de baralho e fingia estar pensando. O outro engoliu o pedaço de comida e ficou esperando. Horácio calculou o tempo necessário para o outro imaginar o que faria com aquele dinheiro; e por fim disse:

- Eu precisava muito ver essa boneca hoje...

- O patrão chega às sete.

- A casa está aberta?

- Não. Mas eu tenho a chave. No caso de descobrirem alguma coisa, disse o homem estendendo a mão e pegando a “grana”, eu não sei de nada.

- Tem que dar duas voltas... A boneca está no piso superior... Seria bom que deixasse as coisas *esatamente*¹⁵ como as encontrou.

Horácio seguiu pelo caminho com passos rápidos e voltou a sentir a agitação da adolescência. A pequena porta da entrada era suja como uma velha indolente e ele virou a chave na fechadura com nojo. Entrou num cômodo desagradável onde havia varas de pescar encostadas numa parede. Atravessou o cômodo, muito sujo, e subiu uma escada envernizada recentemente. O quarto era confortável; mas ali não se via nenhuma boneca. Procurou até debaixo da cama; e finalmente a encontrou dentro de um armário. No início teve uma surpresa como as que Maria lhe preparava. A boneca trajava um vestido negro, de festa, salpicado de pedras como gotas de vidro. Se tivesse estado numa de suas vitrines ele teria pensado que era uma viúva rodeada de lágrimas. De repente Horácio ouviu uma explosão: parecia um tiro. Correu até a escada que dava para o piso inferior e viu, jogada no chão e rodeada por uma pequena nuvem de poeira, uma vara de pescar. Então resolveu pegar uma manta e levar a Hortência para a beira do rio. A boneca era leve e fria. Enquanto procurava um lugar escondido, debaixo das árvores, sentiu um perfume que não era do bosque e em seguida descobriu que vinha da Hortência. Encontrou um lugar macio, no pasto, estendeu a manta abraçando a boneca pelas pernas e depois a recostou com o cuidado que teria ao lidar com uma mulher desmaiada. Apesar da solidão do lugar, Horácio não estava tranquilo. A poucos metros apareceu um sapo, ficou imóvel e Horácio não sabia que direção tomariam seus próximos saltos. Pouco tempo depois viu, ao alcance de suas mãos, uma pequena pedra e a atirou. Horácio não conseguiu prestar, nesta Hortência, a atenção que desejava; ficou

¹⁵ Itálico do autor. Foi mantido o original que reproduz o modo de falar classes populares, ou seja, funciona como um marca de oralidade, com a supressão do *c* e a substituição do *x* pelo *s*.

muito desiludido; e não se atrevia a olhar seu rosto porque imaginava que encontraria a burla inalterada de um objeto. Mas ouviu um murmúrio estranho misturado com o ruído das águas. Virou-se em direção ao rio e viu, num bote, um rapagão de cabeça grande fazendo caretas horríveis; tinha as mãos pequenas presas nos remos e só mexia a boca, horrorosa como um pedaço solto de intestino e deixava escapar esse murmúrio que se ouvia no início. Horácio pegou a Hortência e saiu correndo para a casa do Tímido.

Depois da aventura com a Hortência alheia e enquanto se dirigia à casa negra, Horácio pensou em ir para outro país e não olhar nunca mais para uma boneca. Ao entrar em casa foi até o quarto com a idéia de tirar Eulália dali; mas encontrou Maria jogada de bruços na cama, chorando. Ele se aproximou de sua mulher e lhe acariciou o cabelo; mas compreendeu que os três se encontravam na mesma cama e chamou uma das gêmeas e mandou que tirasse a boneca dali e chamasse Facundo para que viesse buscá-la. Horácio ficou recostado em Maria e os dois permaneceram em silêncio esperando que a noite chegasse completamente. Depois ele pegou a mão dela e buscando as palavras com dificuldade como se tivesse que se expressar num idioma que conhecesse pouco, confessou sua desilusão com as bonecas e como tinha ficado mal sem ela.

IX

Maria acreditou na desilusão definitiva de Horácio por suas bonecas e os dois se entregaram aos hábitos felizes de antigamente. Nos primeiros dias conseguiram suportar as lembranças de Hortência; mas depois inesperadamente silenciavam e os dois sabiam em quem o outro estava pensando. Uma manhã, passeando pelo jardim, Maria parou em frente à árvore na qual tinha colocado Hortência para surpreender Horácio; depois se lembrou da lenda dos vizinhos; e ao pensar que ela realmente tinha matado Hortência, começou a chorar. Quando Horácio chegou e perguntou o que tinha, ela não quis dizer e manteve um silêncio hostil. Então ele pensou que Maria, sozinha, com os braços cruzados e sem Hortência, ficava muito desvalorizada. Uma tarde, ao anoitecer, ele estava sentado na salinha; sentia muita angústia em pensar que por sua culpa não tinham Hortência e pouco a pouco tinha se sentido invadido pelo remorso. E, de repente, percebeu que na sala havia um gato preto. Ficou de pé, irritado e já ia perguntar a Alex como o tinham deixado entrar, quando Maria apareceu e disse que ela o trouxera. Estava feliz e enquanto abraçava seu marido contou como o tinha conseguido. Ele, ao

vê-la tão feliz, não quis contrariá-la; mas sentiu antipatia por aquele animal que tinha se aproximado dele tão sorrateiramente no momento em que era invadido pelo remorso. E em poucos dias aquele animalzinho também se tornou o gato da discórdia. Maria o acostumou a subir na cama e a ficar em cima das cobertas. Horácio esperava que Maria dormisse; então produzia, debaixo das cobertas, um terremoto que obrigava o gato a sair dali. Uma noite Maria acordou num desses momentos:

- Foi você que espantou o gato?

- Não sei.

Maria resmungava e defendia o gato. Uma noite, depois de jantar, Horácio foi até o salão tocar piano. Suspendera, há alguns dias, as cenas das vitrines e contra seu costume tinha deixado as bonecas no escuro – só o ruído das máquinas as acompanhava -. Horácio acendeu um abajur que ficava ao lado do piano e viu, em cima da tampa, os olhos do gato – seu corpo se confundia com a cor do piano -. Então, desagradavelmente surpreendido, o tocou de maneira ríspida. O gato pulou e foi para a salinha; Horácio o seguiu correndo, mas o animalzinho, ao encontrar fechada a porta que dava para o quintal, começou a pular e rasgou as cortinas da porta; uma delas caiu no chão; Maria a viu da sala de jantar e veio correndo. Disse palavras duras; e as últimas foram:

- Você me obrigou a desmanchar Hortência e agora vai querer que eu mate o gato.

Horácio pegou o chapéu e saiu para caminhar. Pensava que Maria, se o tinha perdoado, - no momento da reconciliação tinha dito: “Te amo porque você é louco” – agora não tinha o direito de dizer tudo aquilo e jogar na sua cara a morte de Hortência; já tinha sido bastante castigado com a desvalorização de Maria sem a boneca; o gato, ao invés de lhe proporcionar encanto, a tornava vulgar. Ao sair, viu que ela estava chorando; então pensou: “Bem, agora que ela fique com o gato do remorso”. Mas ao mesmo tempo sentia mal-estar em saber que os remorsos dela não eram nada comparados aos dele; e que se ela não conseguia lhe dar esperança, ele, por sua vez, se deixava levar pelo costume de que ela lavasse suas culpas. E além do mais, um pouco antes dele morrer, ela seria a única que o acompanharia no desespero desconhecido – e quase com segurança covarde – que sentiria nos últimos dias, ou instantes. Talvez morresse sem perceber: ainda não tinha pensado bem no que seria pior.

Ao chegar a uma esquina parou para esperar o momento em que conseguisse prestar atenção na rua para evitar que um veículo o pisasse. Caminhou muito tempo pelas ruas escuras; de repente despertou de seus pensamentos no Parque das Acácias e foi se sentar num banco.

Enquanto pensava na sua vida, pousou o olhar debaixo de umas árvores e depois seguiu a sombra, que se arrastava até chegar às águas de um lago. Ali se deteve e pensou vagamente na sua alma: era como um silêncio escuro sobre águas negras; esse silêncio possuía memória e se lembrava do ruído das máquinas como se também fosse silêncio: talvez esse ruído tivesse sido de um barco a vapor que cruzava águas que se confundiam com a noite, e onde apareciam lembranças de bonecas como restos de um naufrágio. De repente Horácio voltou à realidade e viu um casal se levantar da sombra; enquanto eles vinham caminhando em sua direção, Horácio lembrou que tinha beijado Maria pela primeira vez sob a copa de uma figueira; foi depois de comerem os primeiros figos e estiveram a ponto de cair. O casal passou perto dele, atravessou uma rua estreita e entrou numa casinha; havia várias iguais e algumas estavam para alugar. Ao voltar para casa fez as pazes com Maria; mas num momento em que ficou sozinho, no salão das vitrines, imaginou que poderia alugar uma das casinhas do parque e levar uma Hortência. No outro dia, na hora do café da manhã, chamou sua atenção que o gato de Maria tivesse dois laços verdes na ponta das orelhas. Sua mulher lhe explicou que o farmacêutico furava as orelhas de todos os gatinhos recém-nascidos, com uma dessas máquinas de furar papéis para colocar nas pastas. Horácio achou graça nisso e considerou de bom agouro. Saiu para a rua e falou com Facundo pelo telefone perguntando como faria para distinguir, entre as bonecas da loja Primavera, as que eram Hortências. Facundo lhe disse que nesse momento só havia uma, perto do caixa, e que tinha apenas um brinco numa orelha. A coincidência de haver apenas uma Hortência na loja, deu a Horácio a impressão de que estava predestinada e se dedicou a pensar na recaída de seu vício como numa fatalidade voluptuosa. Poderia ter tomado um bonde; mas pensou que isso o afastaria de suas idéias: preferiu ir caminhando e pensar em como aquela boneca se diferenciaria das demais. Agora ele também se confundia com as pessoas e também lhe dava prazer se esconder na multidão. A rua estava animada porque era véspera de carnaval. A loja ficava mais longe do que ele tinha calculado. Começou a se cansar e a ter desejos de conhecer, o quanto antes, a boneca. Um menino apontou a corneta para ele e descarregou na sua cara um ruído atroz. Horácio, contrariado, começou a ter um pressentimento angustiante e pensou em deixar a visita para a tarde; mas ao chegar à loja e ver outras bonecas, fantasiadas, nas vitrines, decidiu entrar. A Hortência vestia um traje do Renascimento cor de vinho. Seu pequeno véu parecia tornar sua cabeça mais orgulhosa e Horácio sentiu desejo de dominá-la; mas apareceu uma vendedora que o conhecia, dando um sorriso com metade da boca e Horácio foi embora em

seguida. Poucos dias depois já tinha instalado a boneca numa casinha das Acácias. Uma empregada de Facundo ia às nove da noite, com uma faxineira, duas vezes por semana; às dez da noite colocava água quente nela e se retirava. Horácio não quis que lhe tirassem o véu, estava encantado com ela e a chamava de Hermínia. Numa noite em que os dois estavam sentados na frente de um quadro, Horácio viu os olhos dela refletidos no vidro; brilhavam em meio ao negro do véu e davam a impressão de que possuíam pensamentos. Desde então se sentava ali, colocava sua face junto à dela e quando acreditava ver no vidro – o quadro mostrava uma cachoeira – que os olhos dela tinham uma expressão de grandeza humilhada, a beijava apaixonadamente. Em algumas noites, atravessava o parque com ela – parecia que andava com um espectro – e os dois se sentavam num banco perto de uma fonte; mas de repente ele percebia que a água de Hermínia esfriava e se apressava em levá-la de novo à casinha.

Pouco tempo depois houve uma grande exposição na loja A Primavera. Uma imensa vitrine ocupava todo o último andar; ficava no centro do salão e o público desfilava pelos quatro corredores que foram deixados entre a vitrine e as paredes. O sucesso de público foi extraordinário. (Além de ver os trajes, as pessoas queriam saber quais dentre as bonecas eram Hortências). A grande vitrine estava dividida em duas seções por um espelho que alcançava o teto. Na seção que dava para a entrada, as bonecas representavam uma antiga lenda do país, a Mulher do Lago, e tinha sido interpretada pelos mesmos rapazes que trabalhavam para Horácio. No meio de um bosque onde havia um lago, vivia uma mulher jovem. Todas as manhãs ela saía de sua tenda e ia se pentear na beira do lago; mas levava um espelho. (Alguns diziam que o punha de frente para o lago para ver sua nuca). Uma manhã, algumas damas da alta sociedade depois de uma noite de festa, decidiram visitar a solitária mulher; chegariam ao amanhecer, lhe perguntariam por que vivia sozinha e ofereceriam ajuda. Quando chegaram, a mulher do lago estava se penteando, viu entre seus cabelos os vestidos das damas e quando elas chegaram perto fez uma humilde reverência. Mas logo que uma das damas começou a fazer perguntas, ela ficou de pé e começou a caminhar seguindo a margem do rio. As damas, por sua vez, pensando que a mulher ia lhes responder ou mostrar algum segredo, a seguiram. Mas a solitária mulher apenas dava voltas ao redor do lago seguida pelas damas, sem lhes dizer nem mostrar nada. Então as damas foram embora ofendidas; e deste dia em diante passaram a chamá-la de “a louca do lago”. Por isso, naquele país, se vêem alguém silencioso lhe dizem: “Ficou dando voltas ao redor do lago”.

Aqui na loja A Primavera, a mulher do lago aparecia em frente a uma penteadeira colocada na beira d'água. Vestia um penhoar branco bordado com folhas amarelas e a penteadeira estava repleta de perfumes e outros objetos. Era o momento da lenda em que chegavam as damas com os vestidos de festa da noite anterior. Do lado de fora da vitrine, passava todo tipo de rostos; e não apenas olhavam as bonecas de cima até embaixo para ver os vestidos; havia olhos que saltavam, cheios de desconfiança, de um vestido a um decote e de uma boneca a outra; e até desconfiavam de bonecas honestas como a mulher do lago. Outros olhos, muito precavidos, olhavam como se caminhassem cautelosamente sobre os vestidos e temessem cair na pele das bonecas. Uma juvenzinha, inclinava a cabeça com a humildade de uma gata borralheira e pensava que o esplendor de alguns vestidos tinha relação com o destino das Hortências. Um homem enrugava as sobrancelhas e baixava as pálpebras para despistar sua esposa e esconder a idéia de ver, a si mesmo, em posse de uma Hortências. Em geral, as bonecas tinham um ar de loucas sublimes que só pensavam na “pose” que mantinham e não se importavam se as vestiam ou despiam.

A segunda seção estava dividida, por sua vez, em outras duas: uma parte de praia e outra de bosque. Na primeira, as bonecas estavam de maiô. Horácio tinha parado na frente de duas que simulavam uma conversa: uma delas tinha desenhadas, na barriga, circunferências concêntricas como um tiro ao alvo (as circunferências eram vermelhas) e a outra tinha peixes pintados nas omoplatas. A cabeça pequena de Horácio sobressaía, também, com imobilidade de boneco. Aquela cabeça continuou andando entre as pessoas até parar, de novo, em frente às bonecas do bosque: eram indígenas e estavam seminuas. Da cabeça de algumas, em vez de cabelo, saíam plantas de folhas pequenas que caíam como trepadeiras; na pele, escura, tinham desenhadas flores ou listras, como os canibais; e outras tinham pintado, por todo o corpo, olhos humanos muito brilhantes. Desde o primeiro momento, Horácio preferiu uma negra de aspecto normal; só tinha os seios pintados: duas cabecinhas de negros com boquinhos abetumadas de vermelho. Depois Horácio continuou dando voltas por toda a exposição até que chegou Facundo. Então lhe perguntou:

- Das bonecas do bosque, quais são Hortências?
- Olha amigo, naquela seção, todas são Hortências.
- Me mande a negra para As Acácias...
- Antes de oito dias não tenho nenhuma.

Mas se passaram vinte anos antes que Horácio pudesse se reunir com a negra na casinha das Acácias. Ela estava deitada e coberta até o pescoço.

A Horácio não pareceu tão interessante; e quando foi afastar as cobertas, a negra soltou uma gargalhada infernal. Maria começou a descarregar sua vingança de palavras ácidas e a explicar como ficou sabendo da nova traição. A mulher que fazia a limpeza era a mesma que ia para Pradera. Mas viu que Horácio tinha uma tranquilidade estranha, como de uma pessoa perdida e parou.

- E agora, o que me diz? - perguntou depois de alguns instantes tentando esconder seu espanto.

Ele continuava olhando para ela como para uma pessoa desconhecida e tinha a atitude de alguém que há muito tempo sofre de um cansaço que o deixou idiota. Depois começou a fazer seu corpo girar com pequenos movimentos dos pés. Então Maria disse: “me espere”. E saiu da cama para ir ao banheiro lavar a pintura negra. Estava assustada, tinha começado a chorar e a espirrar ao mesmo tempo. Quando voltou para o quarto Horácio já tinha ido embora; mas foi para casa e o encontrou; tinha se fechado num quarto de hóspedes e não queria falar com ninguém.

X

Depois da última surpresa, Maria pediu muitas vezes que Horácio a perdoasse; mas ele mantinha o silêncio de um homem de madeira que não representasse nenhum santo nem concedesse nada. Passava a maior parte do tempo fechado, quase imóvel, no quarto de hóspedes. (Só sabiam que se movia porque esvaziava as garrafas do vinho francês). Às vezes saía um pouco, ao escurecer. Ao voltar comia um pouco e em seguida voltava a se deitar na cama com os olhos abertos. Muitas vezes Maria ia vê-lo tarde da noite; e sempre encontrava seus olhos fixos, como se fossem de vidro e seu silêncio de boneco. Uma noite estranhou ver o gato enrolado perto dele. Então decidiu chamar o médico e começaram a lhe dar injeções. Horácio tomou horror pelas injeções, mas teve mais interesse pela vida. Finalmente Maria, com a ajuda dos rapazes que tinham trabalhado nas vitrines, conseguiu fazer com que Horácio participasse de uma nova seção. Naquela noite jantou na sala de jantar grande, com Maria, pediu mostarda e bebeu bastante vinho francês. Depois tomou café na salinha e não demorou a passar para o salão. Na primeira vitrine

havia uma cena sem legenda: numa grande piscina, onde a água se mexia continuamente, apareciam, no meio de plantas e luzes baixas, alguns braços e pernas soltas. Horácio viu surgir, entre uns galhos, a sola de um pé e lhe pareceu um rosto; depois toda a perna avançou; parecia um animal procurando algo; ao esbarrar no vidro ficou quieta um momento e em seguida foi para o outro lado. Depois veio outra perna seguida por uma mão com seu braço; se perseguiam e juntavam lentamente como feras entediadas numa jaula. Horácio ficou um tempo distraído vendo todas as combinações que se produziam entre os membros soltos, até que chegaram, juntos, os dedos de um pé e de uma mão; de repente a perna começou a se direcionar e tomar a atitude vulgar de se apoiar no pé; isto desiludiu Horácio; fez o sinal de luz para Walter, e correu a tarimba até a segunda vitrine. Ali viu uma boneca em cima de uma cama com uma coroa de rainha; e ao seu lado estava enrolado o gato de Maria. Isto lhe causou má impressão e começou a se enfurecer com os rapazes por tê-lo deixado entrar. Aos pés da cama havia três freiras ajoelhadas em oratórios. A legenda dizia: “Esta rainha morreu no momento em que dava uma esmola; não teve tempo de se confessar, mas todo o país roga por ela”. Quando Horácio voltou a olhá-la o gato não estava. Entretanto ele sentia uma angústia e esperava vê-lo surgir de qualquer lado. Decidiu entrar na vitrine; mas não deixava de estar atento à surpresa ruim que lhe faria o gato. Aproximou-se da cama da rainha e ao olhar seu rosto apoiou uma mão nos pés da cama; nesse momento outra mão, de uma das três freiras, pousou sobre a sua. Horácio não deve ter ouvido a voz de Maria lhe pedindo perdão. Logo que sentiu aquela mão sobre a sua levantou a cabeça, com o corpo rígido e começou a abrir a boca movendo as mandíbulas como um bicho esquisito que não pudesse grasnar nem mover as asas. Maria lhe ofereceu o braço; ele o afastou com terror, começou a fazer movimentos com os pés para virar o corpo, como no dia em que Maria, pintada de negra, tinha soltado aquela gargalhada. Ela voltou a se assustar e deu um grito. Horácio esbarrou numa das freiras e a derrubou; depois se dirigiu ao salão mas sem pensar em sair pela pequena porta. Ao bater no cristal da vitrine suas mãos golpeavam o vidro como pássaros, contra uma janela fechada. Maria não se animou a lhe oferecer o braço novamente e foi chamar Alex. Não o encontrava em parte alguma. Finalmente Alex a viu e pensando ser uma freira lhe perguntou o que desejava. Ela lhe disse, chorando, que Horácio estava louco; os dois foram até o salão; mas não encontraram Horácio. Começaram a procurá-lo e de repente ouviram seus passos na brita do jardim. Horácio caminhava por cima dos canteiros. E quando Maria e o criado o alcançaram, ele estava indo em direção ao ruído das máquinas.

5. REFERÊNCIAS

De Felisberto Hernández

HERNÁNDEZ, Felisberto. **Obras Completas**. 3 vols. Montevideu: Arca – Calicanto, 1981.

HERNÁNDEZ, Felisberto. **O Cavalo Perdido e Outras Histórias**. Tradução David Arrigucci Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2006. 232p.

Sobre Felisberto Hernández e sua obra

ALAZRAKI, Jaime. Contar cómo se sueña: relectura de Felisberto Hernández. **Escritura**, Caracas, v. VII, n. 13/14, p.31-56, enero-diciembre, 1982.

CALVINO, Ítalo. Prólogo a Nessuno accendeva le lampade. Torino: Einaudi, 1974. Disponível em: <<http://www.felisberto.org.uy/>>. Acesso em: 15 set. 2009.

D'ARGENIO, Maria Chiara. El estatuto de lo fantástico en Felisberto Hernández. **Revista Iberoamericana**, Madrid, v. LXXII, n. 215-216, p. 395-414, abril-septiembre, 2006.

DÍAZ, José Pedro. Introducción. In: HERNÁNDEZ, Felisberto. **Obras Completas**. 3 vols. Montevideu: Arca – Calicanto, 1981. p. 7-19

DÍAZ, José Pedro. Mas allá de la memoria. **Escritura**, Caracas, v. VII, n. 13/14, p.5-30, enero-diciembre, 1982.

ECHAVARREN, Roberto. **El Espacio de la Verdad**: práctica del texto en Felisberto Hernández. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1981. 259p.

PIWONKA, Cristóbal Alliende. **Felisberto Hernández y la Escritura Autobiográfica**: el sorprendente caso de *Las Hortensias*. 2005. 210p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Graduated School of Arts and Sciences, Boston University, Boston, 2005.

RAMA, Angel. Su manera original de enfrentar al mundo. **Escritura**, Caracas, v. VII, n. 13/14, p.243-258, enero-diciembre, 1982.

YUNEZ, Kim D. **Itinerario de Una Misión Desconocida**: nomadismo y creación limiar en la obra de Felisberto Hernández, 2000. 120p. Tese (Doutorado em Filosofia), Temple University, Philadelphia, 2000.

Sobre tradução

VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor. **Palavra**, Rio de Janeiro, n.3 , p. 111-134, 1995.

Dicionários

MOLINER, Maria. **Diccionario de Uso del Español**. Madrid: Gredos, 1980.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la Lengua Española**. Madrid: Espasa Calpe, 2001.